

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**SÔNIA LÚCIA DA SILVA ROCHA**

**PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC): UMA  
PRÁTICA COM ALUNOS RETIDOS NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM  
UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

PARINTINS  
2018

**SÔNIA LÚCIA DA SILVA ROCHA**

**PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC): UMA PRÁTICA COM ALUNOS RETIDOS NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, apresentado como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador Prof. MSc. Ágdo Régis Batista Filho

PARINTINS  
2018

**SÔNIA LÚCIA DA SILVA ROCHA**

**PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC): UMA PRÁTICA COM ALUNOS RETIDOS NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas, apresentado como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

**Aprovado em: 10/12/2018**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor MSc. Ágdo Régis Batista Filho**  
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

---

**Professora Doutoranda. Francisca Keila de Freitas Amoedo**  
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

---

**Professor Doutorando. Mateus de Souza Coelho Filho**  
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

*Dedico a minha avó Ester Félix, aos meus pais Lucenildo Félix e Sônia Lopes, as minhas irmãs Liandra e Patrícia, aos meus sobrinhos Esther, Carlos Henrick, ao meu filho Luís Matheus, um dos maiores motivos para que acreditasse em um mundo melhor e feliz.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por conduzir minha vida, sem Ele não alcançaria êxito nessa caminhada, acredito que a grandiosidade de chegar ao objetivo é um privilégio que somente Deus nos concede.

Ao amado Luís Matheus Costa Dias, que sempre foi minha motivação para nunca desistir e pela compreensão de longos dias distantes que valeram apenas, somente nós sabemos os percalços que passamos juntos para que desse certo. “EU TE AMO” filho!

A Patrícia da Silva Costa, pelo incentivo e apoio ao longo dessa jornada.

A minha amada avó Ester Félix Vieira, que sempre esteve comigo ao longo da minha vida, sendo meu alicerce e exemplo de mulher determinada, batalhadora a quem admiro e respeito.

Aos meus pais Sônia Lopes e Lucenildo Félix pela existência e educação.

A Elenice Maria Farias Mourão de Menezes pelos longos anos de parceria que ultrapassam os muros universitários, pois sabemos que durante o percurso muitas coisas se perdem, mas amizades verdadeiras permanecem.

A minha amiga e “irmã” Carla Silvane da Silva Costa, que durante o percurso universitário tive à honra de conhecer e admirar pela mulher guerreira, determinada, a quem tenho um imenso carinho. Obrigada por sempre estar comigo!

Aos professores Mestres e Doutores, Ângela Figueiredo, Clarice Bianchezzi, Denis Silva, Eliseu Souza, Francisca Keila, Georgina Vasconcelos, Gracy Kelly, Mateus Coelho, João Bosco, Simone Silva, Maildison Fonseca, Paulo Sergio, Priscila Nascimento, Fiorella Chalco, Manoel Rendeiro, Renner Dutra, Ruth Gomes, Virgílio Nascimento e Weberson Grizoste. Profissionais que durante a trajetória acadêmica, semearam a vontade de sempre conhecer mais, cada um contribuiu significativamente durante longos anos no processo de formação à docente.

A professora doutoranda Gyane Karol Santa Leal, pelos incentivos ao longo dessa formação que despertou um olhar especial a todos os alunos, nos fazendo refletir que o papel do professor é ser aquele que passe a “ouvir as vozes” daqueles que nos abrem um sorriso todas as vezes que nos veem. Tenho guardado todos seus ensinamentos que com certeza foram fundamentais para essa profissão que exercerei com afinco.

Ao professor MSc. Ágdo Régis Batista Filho, pela oportunidade de estar construindo um trabalho maravilhoso e por sempre se mostrar além de orientador, um amigo. Reconheço a imensa contribuição durante essa jornada que se mostrou incansavelmente paciente em todos

os momentos necessários durante essa trajetória acadêmica que me fizeram chegar ao objetivo.

Os alunos que me fizeram ouvi-las e compreender que todas têm sonhos e anseios, que em meio aos bombardeios, todas resistem a essência de ser criança e que mesmo enfrentando várias dificuldades individuais e sociais tentam entender sua existência, que por traz de um sorriso, um olhar cabisbaixo, uma cara de bravo e triste, há alunos que pensam em dias melhores e felizes.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente no desenvolvimento dessa pesquisa, nossos sinceros agradecimentos.

*“Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”*

*Emília Ferreiro*

## RESUMO

Esta pesquisa intitulada Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): uma prática com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola no município de Parintins surgiu durante da participação do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) onde observamos alunos retidos a mais de um ano ao final do ciclo da alfabetização. O principal objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas desenvolvidas pelos professores no 3º ano do Ensino Fundamental. Tendo como objetivos específicos compreender a importância do PNAIC na formação continuada dos professores para orientar suas práticas com alunos retidos mais de uma vez ao final do ciclo de alfabetização, sendo importante identificar as estratégias que os professores utilizam para melhorar o ensino e aprendizagem dos alunos retido no 3º ano do Ensino Fundamental e verificar as causas da retenção desses alunos no último ano da alfabetização pela ótica da escola, família e alunos. Os principais autores que embasaram este estudo foram: Ferreiro (1999) que discute a aquisição do sistema alfabético por meio das hipóteses pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética, sendo fundamental que os professores que atua na alfabetização conheçam essa construção que a criança faz sobre o sistema de escrita alfabética. Soares (2017) discute a alfabetização numa perspectiva de letramento como um processo a ser desenvolvido nas práticas pedagógicas do professor. Morin (2007), ao descrever aos alunos diz que através dos símbolos a mesma está descobrindo a utilização da escrita e assim aperfeiçoando suas habilidades. Morais (2012) faz uma relação ao situar à criança como um sujeito que precisa de um mediador para contextualizar suas vivências com mundo que a rodeia para que a mesma compreenda os objetos culturais escritos. Para nortear o percurso metodológico utilizamos a natureza qualitativa que apresenta uma dinâmica indissociável entre o sujeito e objeto (CHIZZOTT, 2010), como método de abordagem o fenomenológico discutido por (FAZENDA, 2010), as técnicas utilizadas na pesquisa para a coleta de dados foram entrevistas, questionário semiaberto e observação (FONSECA, 2008). A pesquisa revelou que existe uma dificuldade por parte dos professores em alfabetizar os alunos que vem de um processo de fracasso, também a falta de conhecimento dos pais em relação aos métodos de alfabetização tem agravado a aprendizagem dos alunos por não saberem como lidar com a dificuldade na leitura e escrita que os filhos vêm apresentado durante a escolarização, e diante disso, esses alunos que ficam retidos no 3º ano do ensino fundamental têm sofrido e se desestimulado por fracassarem constantemente, e devido a essas situação é importante entender que esses alunos assim como outras, também tenta aprender, que o fato de estarem num processo de aprendizagem diferente dos demais alunos, não quer dizer que não queira se alfabetizar. O fracasso tem desestimulado e destruído a esperança e capacidade para aprender a ler e escrever, pois, são infâncias que diariamente estão sendo destruídas por não se respeitarem suas particularidades no processo de aprendizagem no ciclo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Ciclo de Alfabetização. PNAIC. Professor. Aluno. Retenção.



## ABSTRACT

This research titled National Pact for Literacy in the Right Age (PNAIC): a practice with students retained in the 3rd year of elementary school in a school in the municipality of Parintins, arose during the participation of the Institutional Program of Initiatives to Teaching (PIBID) where we observed students retained for more than a year at the end of the literacy cycle. Due to the research the main objective was to analyze the practices developed by the teachers in the 3rd year of Elementary School. With the specific objectives of understanding the importance of PNAIC in continuing teacher education to guide their practices with students retained more than once at the end of the literacy cycle, it is important to identify the strategies that teachers use to improve the teaching and learning of students retained in the 3rd year of elementary school, and to verify the causes of the retention of these students in the last year of literacy from the perspective of the school, family and students. The main authors who supported this study were: Blacksmith (1999), who brings us the pre-syllabic, syllabic, syllabic, alphabetic and alphabetic hypotheses. It is fundamental that the teachers who work in literacy know the construction that the child makes on the writing system alphabetical Soares (2017) discusses literacy in a literacy perspective as a process to be developed in teacher's pedagogical practices. Morin (2007), in describing the children says that through the symbols she is discovering the use of writing and thus perfecting her skills. Morais (2012) makes a relation to situate the child as a subject who needs a mediator to contextualize his experiences with the world that surrounds him so that he understands the written cultural objects. In order to guide the methodological course, we use Chizzott (2010) as part of the qualitative nature of which there is an inseparable dynamics between the subject and the object, as a method of approach the phenomenological one discussed by (FAZENDA 2010), the techniques used in the research for data collection were interview, semi-open questionnaire and observation (FONSECA 2008). The research revealed that there is a difficulty on the part of the teachers in the literacy of the students that comes from a process of failure, also the lack of knowledge of the parents in relation to the methods of literacy has aggravated the learning of the students for not knowing how it gives him with the children are presented during schooling, and in the face of this, those students who are retained in the third year of elementary school have suffered and discouraged themselves from constantly failing, and due to these situations it is important to understand that these students like others, also tries to learn, that being in a learning process different from other students does not mean that they do not want to become literate. Failure has discouraged and destroyed hope and ability to learn to read and write, because it is childhood that is being destroyed every day by not respecting its particularities in the learning process in the literacy cycle.

Keywords: Literacy Cycle. PNAIC. Teacher. Student. Retention.

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Variedades de Portadores de Textos.....	18
<b>Figura02:</b> Hipótese pré-silábica - Rabiscos descontínuos e desenhos .....	21
<b>Figura 03:</b> Hipótese pré-silábica - Desenho para representar objetos .....	22
<b>Figura 04:</b> Hipótese pré-silábica - Rabiscos contínuos .....	22
<b>Figura05:</b> Hipótese pré-silábica - Fragmentação da escrita .....	23
<b>Figura06:</b> Hipótese pré-silábica - Variação na posição das letras .....	23
<b>Figura 07:</b> Hipótese pré-silábica - Oscila em letras e números .....	24
<b>Figura 08:</b> Hipótese pré-silábica – Representação das palavras sem valor sonoro .....	25
<b>Figura 09:</b> Hipótese silábica - Sílabas e letras com valor sonoro .....	25
<b>Figura10:</b> Hipótese Silábica – Buscando uma estrutura silábica e fonética .....	26
<b>Figura11:</b> Hipótese Silábica - Alfabética - Palavra e frase não ortográfica .....	26
<b>Figura12:</b> Hipótese Silábica - Alfabética– Desenvolvimento da análise fonética .....	27
<b>Figura13:</b> Hipótese Alfabética – Correspondência entre grafia e som .....	28
<b>Figura14:</b> Hipótese Alfabética - Escrita alfabética ainda não ortográfica .....	28
<b>Figura 15:</b> Hipótese Alfabética - Análise das partes menores .....	29
<b>Figura 16:</b> Fase Pré – Fonológico - Etapa da escrita na fase pré – fonológica .....	30
<b>Figura 17:</b> Fase Fonológica - Etapa da escrita na fase fonológica .....	31
<b>Figura 18:</b> Direitos de aprendizagem da Língua Portuguesa.....	35
<b>Figura 19:</b> Jogos PNAIC Letramento.....	50
<b>Figura 20:</b> Jogos PNAIC Letramento.....	50
<b>Figura 21:</b> Descrição do ciclo de inibição da aprendizagem .....	68

## LISTAS DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Formação dos professores que atuam no 3º ano do Ensino Fundamental .....	45
<b>Tabela 2:</b> Turma de alunos que o professor (a) tem mais facilidade para trabalhar .....	46
<b>Tabela 3:</b> Participação nas formações do PNAIC .....	48
<b>Tabela 4:</b> As estratégias do PNAIC utilizadas em sala de aula para diminuir o índice de retenção de aluno no 3º ano do ensino fundamental .....	49
<b>Tabela 5:</b> Materiais utilizados para desenvolver atividades em sua sala de aula .....	51
<b>Tabela 06:</b> Metodologia utilizada na prática dos professores (a) alfabetizador (a) .....	51
<b>Tabela 07:</b> Atividades desenvolvidas com os alunos retidos na alfabetização .....	52
<b>Tabela 08:</b> Dificuldades enfrentadas pelo professor (a) na alfabetização com alunos retidos no 3º ano do ensino Fundamental .....	53
<b>Tabela 09:</b> A principal causa para a retenção de alunos de 3º ano do ensino fundamental...55	55
<b>Tabela 10:</b> A concepção dos professores diante do fracasso escolar dos alunos retido no último ciclo de alfabetização .....	55
<b>Tabela 11:</b> Formação escolar dos responsáveis dos alunos .....	58
<b>Tabela 12:</b> Exercícios escolares feitos em casa .....	59
<b>Tabela 13:</b> A concepção dos métodos de alfabetização dos pais .....	60
<b>Tabela 14:</b> No olhar dos pais: a dificuldade de aprendizagem dos filhos na escola .....	61
<b>Tabela 15:</b> Concepção dos pais diante do fracasso escolar de seus filhos .....	62
<b>Tabela 16:</b> A percepção dos pais diante da reprovação dos filhos .....	63
<b>Tabela 17:</b> A disponibilidade para que seu filho não fracasse de novamente.....63	63
<b>Tabela 18:</b> Relação professor e aluno .....	65
<b>Tabela 19:</b> A utilização de jogos em sala de aula pelo professor alfabetizador .....	66
<b>Tabela20:</b> Atividade elaborada pelo professor .....	67
<b>Tabela 21:</b> Tarefas escolares .....	70
<b>Tabelas 22:</b> O sentimento de fracasso na alfabetização .....	71

## **LISTA DE SIGLAS**

**COEF** - Coordenação Geral do Ensino Fundamental.

**INEP** - Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

**MEC**- Ministério da Educação.

**LDB** - Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais.

**PNAIC** - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

**PNE** - Plano Nacional da Educação.

**SAEB** - Sistema de Avaliação da Educação.

**SEA** – Sistema de Escrita Alfabética.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO I: REFERÊNCIAL TEÓRICO</b> .....	16
<b>1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO</b> .....	16
<b>1.2 CARACTERÍSTICAS DAS HIPÓTESES DE ESCRITA EXISTENTE COM BASE NA PSICOGENES DA LÍNGUA ESCRITA DE FERREIRO E TEBEROSKY</b> .....	19
<b>1.2.1. HIPÓTESE PRÉ-SILÁBICA</b> .....	20
<b>1.2.2. HIPÓTESE SILÁBICA</b> .....	24
<b>1.2.3. HIPÓTESE SILÁBICA – ALFABÉTICA</b> .....	25
<b>1.2.4. ALFABÉTICA</b> .....	27
<b>1.3. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA</b> .....	29
<b>1.4. PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA</b> .....	32
<b>1.4.1 DIREITOS DE APRENDIZAGEM</b> .....	33
<b>1.4.2 CICLO DE APRENDIZAGEM</b> .....	35
<b>1.5. AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO</b> .....	37
<b>1.6. PROGRAMA MAIS ALFABETIZAÇÃO</b> .....	38
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA</b> .....	40
<b>2.1. MÉTODO DE ABORDAGEM</b> .....	40
<b>2.2. TIPO DE PESQUISA</b> .....	40
<b>2.3. TÉCNICA DA PESQUISA</b> .....	41
<b>2.4. LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA</b> .....	41
<b>2.5. PROCEDIMENTO DA PESQUISA</b> .....	42
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	43
<b>3.1. FORMAÇÃO DOCENTE E PREFERÊNCIA PARA ATUAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	43
<b>3.2. A PRÁTICA DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO</b> .....	46
<b>3.3. O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA DO PROFESSOR DE 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	48
<b>3.4. A DIFICULDADE PARA ALFABETIZAR</b> .....	53

<b>3.5. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>3.3. INFÂNCIAS DESTRUÍDAS DIANTE DO FRACASSO ESCOLAR .....</b>	<b>63</b>
<b>3.3.1.AS DIFICULDADES PARA SER ALFABETIZADO .....</b>	<b>64</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>

## INTRODUÇÃO

Durante longos anos o Brasil sofreu transformações em todos os setores, principalmente na educação. O analfabetismo teve índices elevados de pessoas que não sabiam ler e escrever, as classes populares não tinham oportunidades de se dedicar a leitura e escrita, que durante décadas causou um impacto na vida de muitos brasileiros.

Analisando os aspectos econômicos, políticos e sociais e principalmente educacionais, o direito no que diz respeito à educação da criança vem sendo discutido há algum tempo e está assegurado na Constituição Federal de 1988, Lei nº 9.394/96 no Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão. É dever de todos os envolvidos que a criança não deixe de vivenciar as experiências no período de escolarização.

O estudo sobre o Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa: uma prática com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola no município de Parintins. No decorrer da pesquisa se fez necessário analisar as práticas desenvolvidas pelos professores no 3º ano do Ensino Fundamental. Tendo como objetivos específicos compreender a importância do PNAIC na formação continuada dos professores para orientar suas práticas com alunos retidos mais de uma vez ao final do ciclo de alfabetização, sendo importante identificar as estratégias que os professores utilizam para melhorar o ensino e aprendizagem dos alunos retido no 3º ano do Ensino Fundamental e verificar as causas da retenção desses alunos pela ótica da escola, família e alunos.

Os principais autores que embasaram este estudo foram Ferreiro (1999) que discute a aquisição do sistema alfabético por meio das hipóteses pré – silábica caracterizados pelos traçados, desenhos e rabiscos, a hipótese silábica evidenciada pelas palavras com valor sonoro e sem valor sonoro, na hipótese silábica alfabética o aluno passa a relacionar pequenas partes das palavras dando ênfase em algumas letras e a hipótese alfabética considerando que os alunos podem está alfabetizados mas não ortográficos, processo de escrita que o professor deve conhecer sobre a construção que os alunos fazem do sistema de escrita alfabética. Soares (2017) discute a alfabetização na perspectiva de letramento sendo um processo a ser desenvolvido nas práticas pedagógicas do professor para que os alunos tenham uma dimensão de como a leitura e escrita está inserida no cotidiano em diversas formas. Morin (2007), ao descrever a criança diz que através dos símbolos a mesma está descobrindo a utilização da escrita e assim aperfeiçoando suas habilidades. Morais (2012) ao situar a criança como um

sujeito que precisa de um mediador para contextualizar suas vivências ao mundo que o rodeia para que a mesma compreenda os objetos culturais escritos. O percurso metodológico utilizou-se como método de abordagem o fenomenológico (FAZENDA, 2010) para orientar precisamos compreender o fenômeno a ser investigado percebendo suas características como se apresentam. Chizzott (2010) ao relatar que se faz necessário entender que o tipo de abordagem qualitativa a ser utilizada deve fazer uma relação dinâmica ente o sujeito e o objeto. As técnicas utilizadas na pesquisa foram entrevistas, questionário semiaberto e observação, algo necessário para o desenvolvimento da coleta de dados (FONSECA, 2008).

Mediante as observações surgiram inquietações a respeito do processo de alfabetização. Por que os professores mesmo com programas de formação continuada ainda sentem dificuldades para alfabetizar? Por que nos deparamos com alunos no final do ciclo de alfabetização que não dominam a leitura e a escrita? Essas e muitas outras questões nos fazem refletir sobre o processo de alfabetização de alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental.

Os resultados revelam que os professores têm dificuldades em trabalhar com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental, mesmo participando da formação do PNAIC, poucos utilizam as estratégias do curso disponibilizado para alfabetizar alunos retidos no final do ciclo de alfabetização.

Este estudo mostra que os pais não têm conhecimentos pedagógicos para ajudar seus filhos que apresentam dificuldades na leitura e escrita, eles não conseguem identificar a causa da dificuldade que apresentam na escola durante o processo de aprendizagem. Além disso, certos pais não têm paciência diante do erro que o seu filho comete e constantemente eles recorrem à coação e até agressões, e isso só tem agravado ainda mais as dificuldades dos alunos retidos no 3º ano Ensino Fundamental. Diante disso, ambos sofrem, os pais porque não conseguem ajudar seus filhos a seguir para o ano seguinte e os filhos que ficam desacreditados em sua capacidade de aprender e ter sucesso na escola. Os alunos são os principais a sofrerem com essa pressão, não conseguem desenvolver as habilidades de leitura e escrita por se sentirem, antes mesmo de tentar, incapazes de aprender. Esse sentimento, às vezes não é percebido pelos professores e pais, pois os alunos se retraem por não se sentirem à vontade em falar de seus fracassos.

A pesquisa é relevante para discutir sobre a dificuldade de aprendizagem de alunos retidos na alfabetização e ao mesmo tempo refletir sobre a prática do professor alfabetizador. Dessa forma, faz-se necessário a participação de pais, professores, alunos e comunidades para debater sobre a problemática da retenção no ciclo de alfabetização e traçar metas para melhoria dessa realidade que está destruindo a infância dos alunos.



## CAPÍTULO I REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Alfabetização e letramento é a construção do ler e escrever com base interpretativa na manifestação textual existente no convívio social, os alunos ao reconstruírem a escrita passam a se apropriar dessa cultura na alfabetização é necessário que o professor alfabetizador conheça o processo de aprendizagem do aluno durante a construção da leitura e escrita.

No entanto, alfabetização e letramento são diferentes, porém, quando se refere a aprendizagem ambas são indissociáveis. Rios (2010, p.22) “Minidicionário da Língua Portuguesa” traz o significado da palavra “alfabetizar” como um ato de “ensinar a ler e escrever” assim como tantos outros pesquisadores devemos ir além de um simples ato de codificar e decodificar.

Segundo Soares (2017) alfabetização e letramento significam compreender os “[...] fundamentos fonológicos e psicológicos que tratam de ouvir o som das palavras e representam esses sons pelas letras, grafemas, questão linguística e sociolinguísticas, por que os alunos falam de formas diferentes, dialetos diferentes [...]”, tudo deve ser entendido pelo professor alfabetizador porque cada aluno possui sua particularidade no processo de aprendizagem, é preciso que todos se integrem a um único objetivo de ensinar para que o aluno aprenda com autonomia.

Aspectos como esses são interligados para desenvolver formas prazerosas de ensinar, a ler, escrever e interpretar as variedades de textos existentes, é importante para ampliar a participação dos alunos na sociedade, seu vocabulário, sua leitura e escrita e a maneira de ver o mundo que o rodeia, alfabetização e letramento é ir além dos repetitivos códigos, é pensar, criar e viajar no imaginário, é ter a variedade de argumento em diferentes formas e está em uma constante construção da própria identidade.

Soares (2006, p.17) o termo da palavra letramento vem do Inglês conhecido como *literacy*, traduzida para o Português com intuito de esclarecer uma relação com a leitura e escrita, sendo uma forma de apropriar-se dos conhecimentos linguísticos. O conceito da palavra “*literacy*” vem do latim “*littera*” (letra), com o sufixo – cy (innocency, estado ou condição de ser inocente) que denota qualidade, condição e fato de ser”, ou seja, *literacy* passa a ser designado a palavra que dar um sentido muito além do ler e escrever.

O processo contínuo que o aluno passa a construir e significar o que aprendeu, e assim, ser sujeito crítico depende das oportunidades que são postas no percurso de sua escolarização, não é algo simples para o aluno e o professor alfabetizador, pois essa

construção de saberes envolve algo subjetivo. Quando relacionamos letramento e alfabetização devemos iniciar:

Reconhecendo a especificidade de cada um desses processos, é preciso combinar a alfabetização e o letramento, assegurando aos alunos, tanto a apropriação do sistema de escrita, como o domínio das práticas sociais de leitura e de escrita. Como consequência, o desafio que se coloca é “alfabetizar letrando”, ou seja, possibilitar que a alfabetização se desenvolva em um ambiente onde a criança conviva com variados portadores de textos ao mesmo tempo em que constrói a base alfabética (SOARES, AROEIRA, PORTO, 2010, p.38).

Ao nos referirmos as especificidades dos conceitos de alfabetização e letramento, precisamos repensar nossas práticas a respeito da apropriação da leitura e escrita no ciclo de alfabetização. Compreender o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental assegurando aos alunos um domínio sobre leitura e escrita com uma perspectiva nas práticas sociais de leitor visando oportunizar os alunos a compreenderem a importância da definição desses conceitos em sala de aula.

A relação de alfabetização e letramento é um desafio constante para o professor, pois se faz necessário uma contextualização com variados portadores de textos que faça parte de um ambiente que possa possibilitar um trabalho com esses instrumentos pedagógicos condizente com a necessidade do aluno para mediar a construção do ensino e aprendizagem com base no SAEB.

Para incentivar a leitura e escrita é necessário despertar no aluno o interesse em querer aprender, fazendo com que a construção desse processo de conhecimento seja algo contínuo e prazeroso e que deve ser priorizado por todo período de desenvolvimento de aprendizagem. Os portadores de textos em sala de aula devem ser materializados para que o aluno compreenda a importância na construção do ato de ler e escrever, a assim compreender sua função social. Exemplo sobre portadores de textos (Figura 01).



**Figura 01:** Variedades de Portadores de Textos.

**Fonte:** Neusa Rocha, 2015.

O objetivo de compreender a importância dos portadores de textos e despertar a leitura no aluno é incentivar o prazer na compreensão da construção do conhecimento. As possibilidades desses materiais encontrados em nosso cotidiano tornam-se mais prático para serem trabalhados como atividades em sala de aula, pois os portadores de textos especificam e informam a função quando são compreendidas pelo leitor. Os locais em que podem ser visualizados em sala de aula são pelos meios físicos e virtuais.

Para fazer que o aluno se aproxime desse universo escrito e passe a utilizá-lo, deve-se pensar no ambiente para que essas atividades sejam prazerosas, pois atribuir significados a essas situações cotidianas passa a aprimorar as habilidades de falar, ouvir, ler e escrever no contexto de alfabetização.

Os diferentes portadores de textos são fundamentais no processo de desenvolvimento linguístico, pois o contato com uma variedade textual é o caminho para que o aluno inicie o quanto antes a compreensão da importância de conhecer e diversificar o vocabulário durante a escolarização.

Assim entendemos que o sistema linguístico é a representação cultural existente há séculos e possui uma característica específica, sendo uma busca que o professor alfabetizador deve fazer para entender a construção do processo de aprendizagem. É importante saber como são desenvolvidas as concepções sobre o objeto, tanto de quem aprende (aluno) como de quem ensina (professor). E devido a essas questões abre-se a discussão que:

O professor, mediador nessa prática de alfabetização, não pode ser visto apenas como sendo um aplicador de pacotes educacionais ou um mero constatador do que o aluno faz ou deixa de fazer. Ser mediador desse processo significa, antes de qualquer coisa, estar entre os conhecimentos e o aprendiz e estabelecer um canal de comunicação entre esses dois pilares (SOARES, AROEIRA, PORTO, 2010, p. 38).

Observamos ainda que o professor ao mediar essa prática de alfabetização, não pode condicionar os alunos a conteúdos repetitivos e mecanizados, as atividades precisam ser pensadas de forma reflexiva e dinâmica, tornando os mesmos protagonistas de suas próprias ações, visando sempre estratégias significativas para atividades em sala de aula. Para Morin (2007, p.47) “Conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele [...].” Em outras palavras os professores não podem se prender a notas quantitativas e reduzir a estada dos alunos na escola em presenças, faltas e aplicação de avaliação.

É necessário assim que o professor articule de forma clara as informações e conteúdo que são repassados aos alunos, buscando um significado ao que está sendo proposto no decorrer do ensino e aprendizagem. Podemos dizer que alfabetização e letramento é o processo que os professores devem incutir nas suas práticas para construir cidadãos críticos e participativos construindo um posicionamento além do saber ler e escrever, partindo de um acompanhamento constante na concepção crítica de análises e conteúdos existentes

Compreender também que não é algo fácil de ser compreendido por ser complexo, o professor como mediador desse processo inicial de conhecimentos de aprendizagem necessita constantemente ter bases teóricas que venham fundamentar suas práticas em sala de aula para assegurar um domínio como professor do ciclo de alfabetização.

## **1.2 CARACTERÍSTICAS DAS HIPÓTESES DE ESCRITA COM BASE NA PSICOGÊNESES DA LÍNGUA ESCRITA DE FERREIRO E TEBEROSKY**

O processo de construção da leitura e escrita depende de como o aluno compreende o Sistema de Escrita Alfabética. Ressaltamos ao longo do trabalho que utilizaremos a abreviatura do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), bastante utilizado no caderno do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). No tópico a palavra “hipótese” usada por Ferreiro em sua obra “*Psicogênese da Língua Escrita*” (1999), contribuirá para compreender a forma de como é caracterizado a escrita dos alunos na alfabetização. Cada hipótese tem uma característica particular que ajuda o professor que atua no ciclo de alfabetização a identificar que tipo de escrita que o aluno constrói, através dessas ações, passa-se a fazer os diagnósticos antes de iniciar um trabalho de intervenção para ajuda na elaboração de atividades na sala de aula.

Cada hipótese traz uma construção de escrita, pois é um período de desenvolvimento cognitivo que se constrói durante o processo de aprendizagem. O professor precisa de tempo e

paciência, pois é necessário conhecer o caminho percorrido pelos alunos por ser um trabalho em conjunto para que o aluno passear elaborar o conhecimento sobre o objeto escrito e assim, construir o SEA.

Ferreiro e Teberosky (1999) propõem em suas pesquisas possibilidades para compreender através das hipóteses como os alunos aprendem a ler e escrever, e qual o caminho percorrido para que compreenda a escrita. O objeto cultural escrito surge na criança antes da escolarização e vai além de métodos, manuais e recursos didáticos. Não se pode limitara leitura e escrita a simples decodificação técnica e mera atividade motora, é preciso ir além, sempre respeitando o processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Ao levantar hipóteses sobre como é concebida a escrita na alfabetização, acreditamos que é possível considerar várias situações em que a escrita acontece. Ferreiro em seus 30 anos de pesquisas e outros pesquisadores trazem a oportunidade de entender o processo de apropriação do SEA. Para Ferreiro (2001, p. 7) “Essa criança, se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade”. O aluno tem seu tempo para compreender esse processo de leitura e escrita, e tal compreensão parte do convívio coletivo e social.

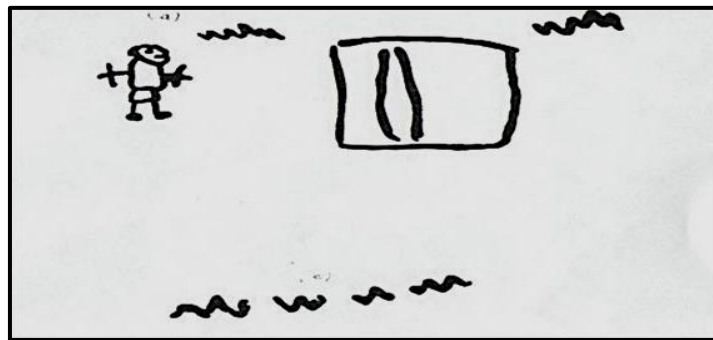
As hipóteses possuem características próprias que devem ter atenção por parte do professor, as ações para identificar o nível de escrita do aluno são necessárias para sondar o que sabem, e a assim, auxiliá-los na atividade, pois parte desses resultados é para analisar os avanços e percalços que acontecem na aprendizagem dos alunos, pois são necessários para elaboração de métodos de intervenção que não podem faltar na sala de aula. A seguir apresentaremos uma síntese das principais características das hipóteses sobre a construção da escrita.

### **1.2.1 HIPÓTESE PRÉ-SILÁBICA**

Ao considerar a hipótese pré-silábica à fase em que o aluno demonstra prazer em escrever e expressa seus pensamentos, é preciso compreender e valorizar o desenvolvimento dessa escrita em todo processo de construção para que não ocorra uma inibição. Para Ferreiro (1999, p. 193) as primeiras hipóteses como “[...] escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica. [...]” Ao segurar um lápis a criança percebe o deslizar no papel e a fixação de traços, rabiscos ou desenhos que pretende expor sem a preocupação com a compreensão feita pelos adultos, nessa etapa o importante é o que

representa para si. Nas figuras a seguir algumas características referentes às hipóteses de escrita.

A utilização de desenhos e rabiscos descontínuos na escrita segundo Ferreiro (1999, p. 193) devemos levar em consideração a “intenção subjetiva do escritor por contar mais que as diferenças objetivas no resultado[...]”O desenho é uma importante forma que representa o objeto tal qual como acreditam ser escrito, pois nessa fase é constante a presença do icônico pelo fato de expor naturalmente o que sabe sobre a escrita. O professor ao identificar como ocorre essa construção deve fazer o aluno compreender a diferença entre desenho e letra, jamais deve desconsiderar o que o aluno escreveu, pois durante o percurso é preciso que o professor articule constantemente formas diversificadas para desenvolver uma identificação do que é desenhar e o que representam nosso SEA. A figura 02 representa uma das características da hipótese pré-silábica.

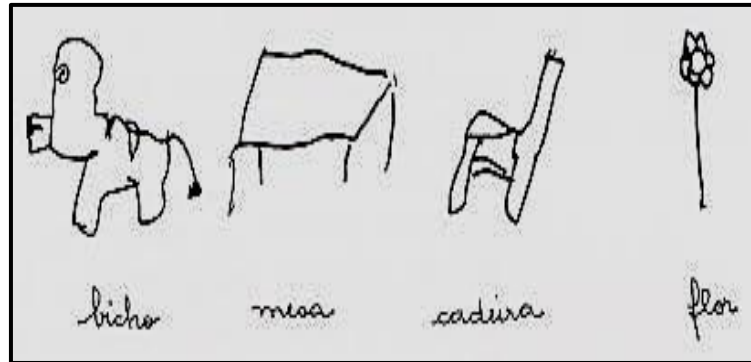


**Figura 02:** Hipótese de escrita pré-silábica.

**Características:** Rabiscos descontínuos e desenhos.

**Fonte:** Professor Jerônimo, 2013.

Os desenhos como representação do nome de objetos e animais tem um significado enorme para quem constrói. Ferreiro (2001, p. 19) “[...]. Ao desenhar se está no domínio do icônico; as formas dos grafismos importam porque reproduzem a forma dos objetos. [...]”. Nessa hipótese pede-se para os alunos escreverem nome de animal ou objeto, é comum a representação através de desenhos. No início da organização da escrita o aluno traz o desenho como uma das formas de representar o objeto levar em consideração que a representação icônica (imagem) expressa seu pensamento é um período que esse aluno sente prazer em rabiscar o papel, a construção da sua própria concepção sobre a escrita. Nesse caso o aluno precisa de demonstrações lúdicas para assimilar e dissociar a escrita do desenho. Observe na figura 03 a prioridade do aluno ao representar as palavras.

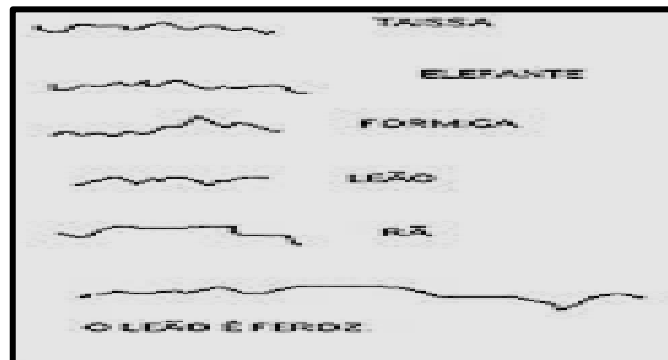


**Figura03:** Hipótese de escrita pré – silábica.

**Características:** Desenho para representar objeto.

**Fonte:** Maria Fernandes, 2017.

O rabisco contínuo passa a representar a escrita que segundo Ferreira (1999, p. 193) diz que “[...] se a forma básica é a cursiva, teremos grafismos ligados entre si com uma linha ondulada como formas de base.”Essas formas apesar de não serem compreendidas pelos adultos são marcas gráficas que não deve ser descartada pelo professor, pois possuem uma construção significativa para o aluno, ao transcrever suas ideias busca formas de escrita até chegar ao convencional. O aluno deve compreender as diferentes formas de escrita existente. A figura 04 traz a hipótese em que o rabisco contínuo não representa uma escrita convencional.



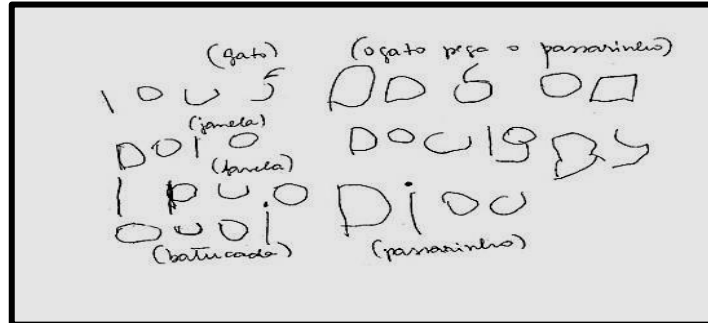
**Figura 04:** Hipótese de escrita pré- silábica.

**Características:** Rabiscos contínuos.

**Fonte:** Lú Tapajós, 2009.

A fragmentação do processo de estruturação da escrita faz parte da produção espontânea do aluno. Ferreira (2001, p.18) revela que, “As primeiras escritas infantins aparecem [...] como uma série de elementos discretos repetidos (série de linhas verticais, ou de bolinhas).” Quando o aluno passa a construir seu SEA, traça formas para desenvolver sua própria identidade, o professor precisa articular metodologias para que o aluno estabilize sua

compreensão de como representar a escrita. A figura 05 corresponde à hipótese do processo que o aluno tem sobre a escrita pré-silábica.

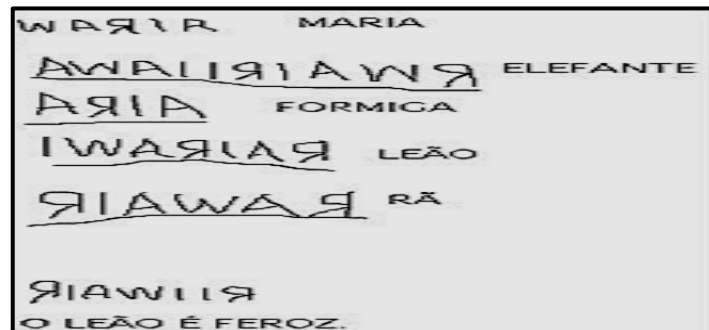


**Figura 05:** Hipótese de escrita pré - silábica.

**Características:** Fragmentação da escrita.

**Fonte:** Pedagogia ao pé da letra, 2010.

Ao utilizar letras do seu nome é comum nessa hipótese por ser um exercício frequente na escola, pois partindo do nome do aluno o professor familiariza escrita existente para relacionar com a construção social que tem uma função importante na vida de cada sujeito. Moraes (2012, p. 57) “[...] Para criar variações entre as palavras e no interior de uma mesma palavra, ela virá a “jogar”, então, com as possibilidades disponíveis: o número de letras que cada palavra vai ter, a ordem em que as letras aparecerão ou o repertório mesmo de letras que usará para cada palavra. ” Compreender a estrutura da escrita parte de várias tentativas para que de fato se estabeleça a convencional, por isso o professor deve colocar conflitos para que o aluno passe a combinar e entender que a escrita segue uma sequência para que as palavras sejam compreendidas. Na figura 06, temos exemplo da variação de escrita.



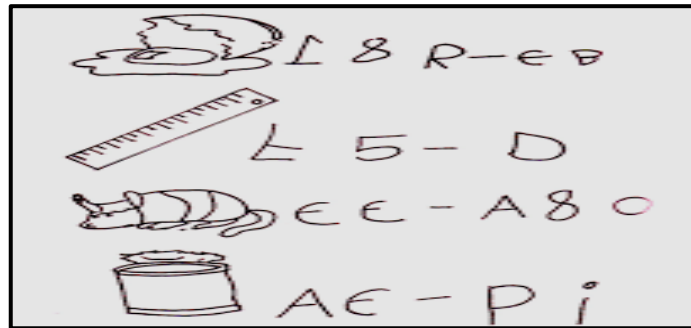
**Figura06:** Hipótese de escrita pré - silábica.

**Características:** Variações na posição de letras.

**Fonte:** Dspace.



As letras e números em palavras ajuda a compreender que o aluno já identifica o que seja número e letra, o trabalho a ser desenvolvido pelo professor é apenas na forma de escrever o nome do objeto. Ao fazer uma leitura global sem fazer distinção de números e letras o aluno tenta compreender e organizar sua escrita, esse processo requer tempo para que seja estabelecido por completo. Morais (2012, p. 56) ao relatar que “[...] Na mesma busca de escrever com os símbolos vai descobrindo o que são usados para escrever, os alunos começam a usar só letras com números e outros símbolos escritos[...]. ” O professor deve elaborar estratégias para que o aluno diferencie letras e números. Na figura 07 a existência de traços característicos da escrita pré-silábica.



**Figura 07:** Hipótese de escrita pré- silábica.

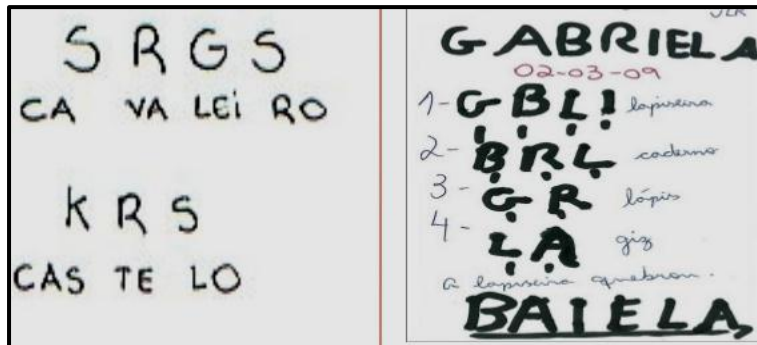
**Características:** Oscilam em letras e números.

**Fonte:** Prof.<sup>a</sup> Maria Fernandes, 2017.

O processo de aprendizagem é uma adaptação de agrupamento de conceitos para formar uma estrutura definida, pois a construção da escrita é uma identidade que envolve metodologia adaptável ao conflito existente no ciclo de alfabetização. No entanto, saber o que o aluno conhece sobre a escrita é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do aprendiz.

### 1.2.2 HIPÓTESE SILÁBICA

Na hipótese silábica o desenho deixa de fazer parte da escrita. Para Ferreiro (1999, p.209) a representação “[...] caracterizado pela tentativa de dar valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita, passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale uma sílaba. ” Essa é uma das principais características da hipótese silábica sem valor sonoro que ocorre aleatoriamente na escrita. É uma transição que o professor deve estar atento e preparado para as intervenções. Na figura 08 as características do conflito da hipótese silábica.

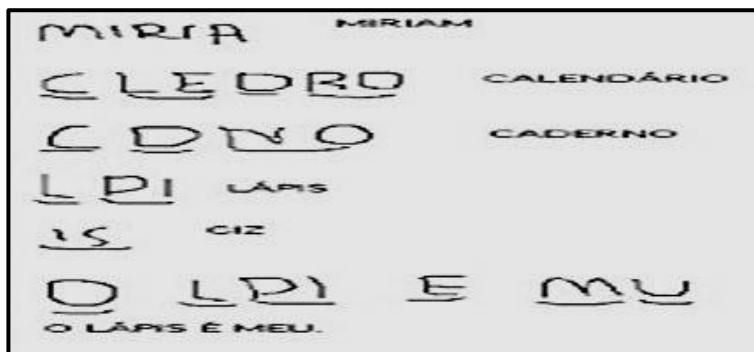


**Figura 08:** Hipótese de escrita silábica.

**Característica:** Representação de palavras sem valor sonoro.

**Fonte:** Daniela Janssen, 2015.

A utilização de uma letra equivale à sílaba e passa a combinar vogal ou consoante, relacionando letra ao som, mesmo que algumas letras estejam ocultas, atribuímos à escrita silábica com valor sonoro, pois o aluno passa a ler uma letra para cada sílaba. O que é bem característico nessa fase. Na figura 09 é uma tentativa de compreender as palavras e frases por parte dos alunos.



**Figura 09:** Hipótese de escrita silábica.

**Característica:** Sílabas e letras com valor sonoro.

**Fonte:** Viviane, 2012.

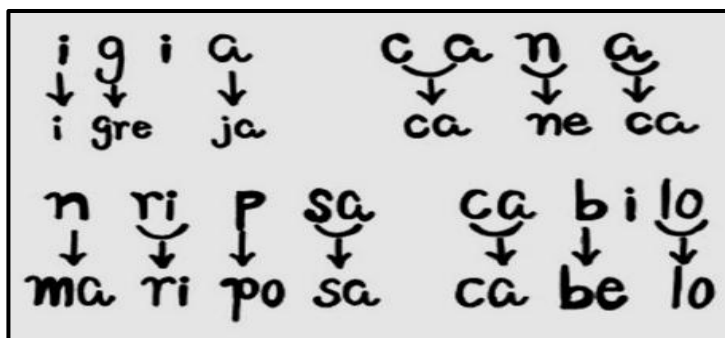
A hipótese silábica faz parte da sonorização de letra e som, é uma relação de som/grafia que ajuda na compreensão da escrita, o professor necessariamente precisa acompanhar individualmente o aluno para ter clareza de como estão se construindo o Sistema de Escrita Alfabética.

### 1.2.3 HIPÓTESE SILÁBICA – ALFABÉTICA

A hipótese silábica-alfabética é representada por letra isolada e cada sílaba possui uma sonorização. Ferreiro (1999, p. 214) diz que “[...]a criança abandona a hipótese silábica

e descobre a necessidade de fazer análise que vá “mais além” [...]. Ao silabar pequenas partes das palavras os alunos dão ênfase apenas a algumas letras que relacionam ao som.

A utilização de uma quantidade mínima de letra relacionada à grafia e som as vezes causam conflitos no ato da escrita. Os professores devem propor atividades que motivem os alunos a querer aprender. No entanto, vale lembrar que a escrita tem uma função social que o aluno deve compreender e contextualizar com a sua realidade. A figura 10 mostra uma característica da hipótese silábica-alfabética na compreensão que o aluno faz sobre a escrita.

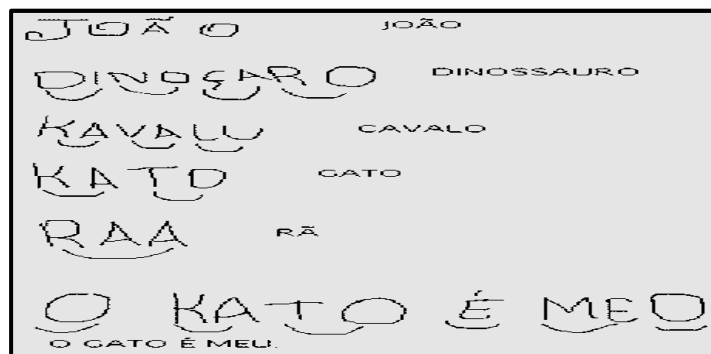


**Figura10:** Hipótese de escrita silábica - alfabética

**Característica:** Buscando uma estrutura silábica e fonética.

**Fonte:** Daniela Janssen, 2015.

Os sons e grafias ajudam a estabilizar graficamente a escrita. Apesar da palavra não ser escrita na forma convencional não podemos desconsiderar o avanço da construção da escrita, pois o aluno ao perceber que precisa adaptar sua escrita para que ocorra uma compreensão ortográfica precisa da mediação de seu professor sendo a etapa que o trabalho deve ser acompanhado cuidadosamente para que sejam plenamente silábicas – alfabética. Ilustração da forma que o aluno compreende a escrita (Figura 11).

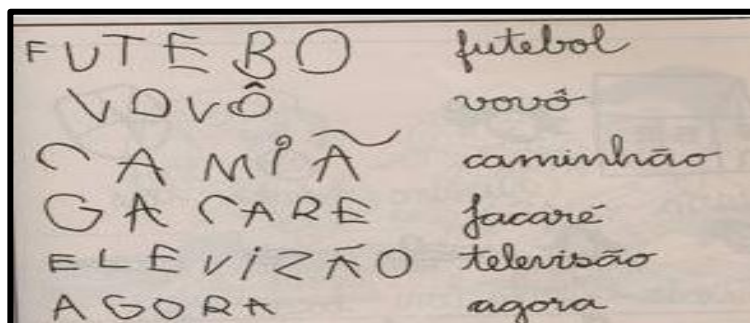


**Figura 11:** Hipótese de escrita silábica - alfabética.

**Característica:** Palavras e frases não ortográficas.

**Fonte:** Educapio, 2013.

Ao firmar sobre a forma de escrever as palavras, o aluno entra em conflitos ortográficos que exigem uma análise sobre o que escreveu. Segundo Russo (2012, p. 33) a escrita “[...] se caracteriza pela presença de contradição na conduta da criança e nos quais se percebe a perda de estabilidade do nível anterior e a não organização do nível seguinte, evidenciando o conflito cognitivo.” O aluno omite algumas letras ao silabar, por não compreender o sistema linguístico. A complexidade do valor sonoro parte da articulação oral que os alunos fazem para escrever, às vezes a forma que pronuncia as palavras atrapalha na construção da escrita, os professores ao elaborarem atividades devem relacionar letras e sons para que sejam compreendidos com precisão. A figura 12 mostra a característica da hipótese silábica – alfabética.



**Figura 12:** Hipótese de escrita silábica– alfabética.

**Característica:** Desenvolvimento da análise fonética.

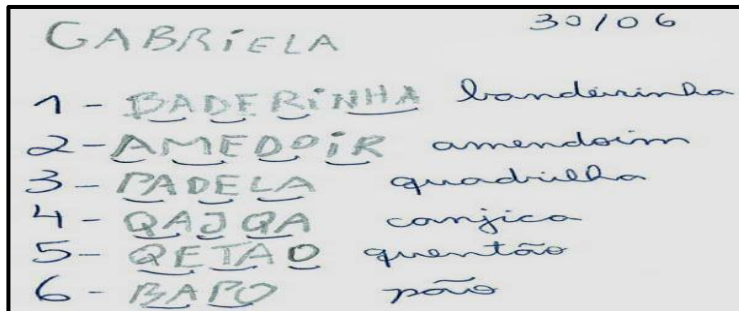
**Fonte:** Rede caminho do sabe, 2017.

A hipótese silábica – alfabética é a escrita que faz parte de uma concepção que está se formando, nesse processo o professor deve trabalhar as formas ortográficas, pois se faz necessário estabilizar a escrita durante essa etapa de alfabetização, sendo pertinente que o aluno perceba que precisa constantemente rever e exercitar a sua escrita para que desenvolva plenamente seu sistema de escrita. No entanto, atividades diversificadas são importantes para que o aluno tenha autonomia no ato de escrever.

#### 1.2.4 HIPÓTESE ALFABÉTICA

Na hipótese alfabética é onde ocorre o final dessa evolução, ao representar o fonema/grafema Ferreiro (1999, p. 219) relata que “[...] a partir desse momento, a criança se defronta com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problema de escrita, no sentido estrito [...].” Nessa fase os alunos deixam claro quais são seus conflitos e o que deve ser trabalhado para que passe a escrever ortograficamente sendo necessário atividades de escrita que façam os alunos se familiarizarem com a norma padrão da Língua Portuguesa.

Para compreender a construção da escrita mesmo omitindo algumas letras, os alunos mediados pelos seus professores devem saber que cada uma das letras corresponde a uma parte específica das palavras que possui seu valor sonoro sendo importante nesse processo de desenvolvimento cognitivo. Na figura 13 correspondências de som/grafia.

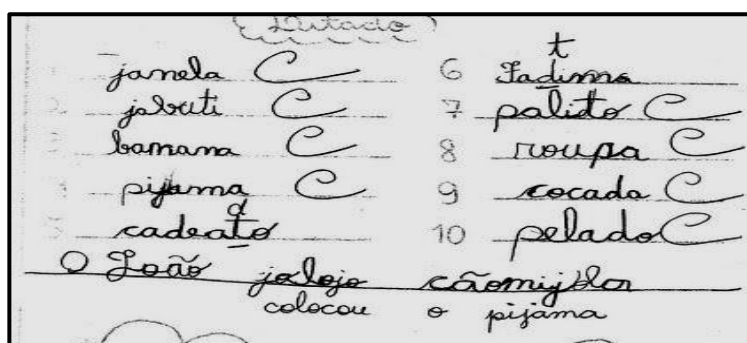


**Figura 13:** Hipótese de escrita alfabética.

**Característica:** Correspondência entre grafia e som.

**Fonte:** Fabiana Esteves, 2013.

A utilização da análise fonética para formar as palavras é pertinente nesse processo, pois o aluno antes de chegar a fase final passa por vários conflitos no ato de escrever. Ao descobrir que a sílaba menor não corresponde a unidade da palavra e que uma letra não funciona sozinha, passa a representar cada fonema com seus respectivos signos gráficos visando seguir um padrão silábico. O progresso individual do sujeito na compreensão e interpretação das formas de escrita ajuda a aproximar a assimilação durante o processo de aprendizagem. Na figura 14, temos um exemplo de uma escrita alfabética:



**Figura14:** Hipótese de escrita alfabética.

**Característica:** Escrita alfabética ainda não ortográfica.

**Fonte:** Google, 2002.

Analisando que as partes menores correspondem a uma sílaba, o aluno conhece os valores sonoros, seus códigos e diferencia a escrita dos desenhos, passa a analisar o que escreveu e compreender as sílabas nas suas particularidades. Conhece o valor sonoro das letras ou pelo menos de quase todas, confunde algumas por terem som parecido, chegando à

hipótese alfabética, cada hipótese deve ser compreendida pelo professor e articulada com estratégias que façam o aluno a escrever de forma ortográfica. A figura 15 representa a escrita alfabética.



**Figura15:** Hipótese de escrita alfabética.

**Característica:** Análise das partes menores.

**Fonte:** Vasconcelos, 2017.

As características das hipóteses de escrita são construções embasadas nas pesquisas de Ferreiro para nortear os trabalhos educacionais, os professores devem conhecer cada etapa da construção que os alunos fazem sobre a escrita, para analisarem cautelosamente o desenvolvimento do SEA feita pelos alunos que estão no processo de alfabetização. Ressaltamos que a escrita não está somente no cotidiano escolar, mas também fora dela e precisa ser analisada e trabalhada adequadamente para que ocorra o pleno desenvolvimento tanto da leitura como da escrita.

Percebemos que cada construção mostra a evolução e sua compreensão sobre a escrita, por mais que o processo, em alguns casos seja lento, o estudante tem seu tempo e forma de aprender e compreender a escrita, por isso se faz necessário que o professor faça a mediação a respeito de algo tão complexo que precisa ser compreendido no período de alfabetização.

### 1.3. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Após um período constante para reconhecer à escrita falada e apropriar-se dos fonemas e grafemas, o ato de ler e escrever passou a ser fundamental para desenvolver atividades em sala de aula que visem à autonomia dos alunos, o processo envolve a oralidade e a forma de escrita, é necessário aprimorar a escrita por ser um meio de comunicação fundamental para atuar no meio social.

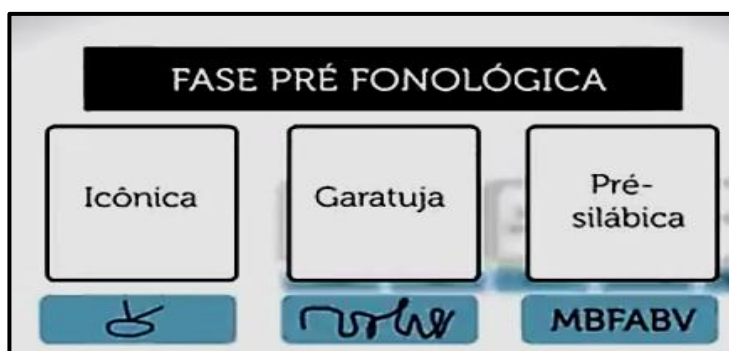
A consciência fonológica no ensino e aprendizagem da leitura e escrita é considerado no início da alfabetização uma importante atividade que precisa ser familiarizada ao contexto

escolar. A unidade fonológica faz parte de todo o processo com as quais os alunos sejam capazes de lidar. Morais (2012, p. 84) diz que:

[...] “consciência fonológica” é, na realidade, um grande conjunto ou uma “grande constelação” de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras. A consciência fonológica não é uma coisa que se tem ou não, mas um conjunto de habilidades que varia consideravelmente.

O conjunto de habilidades existentes no processo fonológico nos faz refletir sobre o ato de ler e escrever, pois parte dos segmentos que pertencem a essa estrutura linguística necessariamente são cognitivas, ao pronunciá-las dividimos em partes cada sílaba para formar palavras que darão sentido sonoro. As tantas variedades podem dificultar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Sendo assim, a importância de compreender o sistema fonêmico pode beneficiar quando explícito na alfabetização.

Para compreendermos o processo de estrutura fonológica iniciaremos com a fase pré-fonológica, onde surge a questão icônica que corresponde à representação do desenho, a fase da garatuja e ao rabisco até chegar à hipótese pré-silábica. A denominação pré-fonológica que Soares (2017) argumenta representa “[...] a fase anterior àquelas que a criança percebe a escrita como representação do som, pois ela não se deu conta que a palavra é som e que a escrita representa o som, pré, concepção do som [...].” Assim, surge à importância de o professor mediar o ensino com variadas atividades em que os materiais possam ser os instrumentos de socialização, por exemplo: a música, a leitura, as rimas e outros suportes que possam contribuir para o desenvolvimento da consciência fonêmica no processo de alfabetização. Observe as características da fase pré-fonológica na figura 16.



**Figura 16:** Fase Pré – Fonológica.

**Característica:** Etapas da escrita na fase pré - fonológica.

**Fonte:** Vídeo - Nova Escola, 2017.

Durante o percurso fonológico o professor deve perceber que precisa desenvolver a consciência do som sempre relacionado com as letras. Partindo dessa concepção vamos falar

sobre a fase fonológica que corresponde às sílabas sem valor sonoro que são representadas por qualquer letra, as sílabas com valor sonoro são representadas por uma ou duas letras que correspondem ao som.

Nessa fase é preciso fazer que o aluno perceba a relação do som com a letra. Soares (2017) diz que: “A criança só passa de uma fase pré – fonológica para uma fonológica se trabalhar para se perceber os sons das palavras”. O professor deve desenvolver constantemente a consciência silábica para que o aluno avance para o silábico-alfabético e passe a representar a escrita com um número maior de letras formando assim as palavras. Quando o professor articula atividades com valor sonoro passa a desenvolver a consciência fonêmica evidenciando sempre as diferenças de som entre o “p”, “b”, “d”, devido a semelhança sonoras, pois para um adulto que já compreende o sistema de escrita pode ser algo simples, mas para o aluno causa uma confusão durante escrita das palavras que correspondem a uma dessas letras. A figura 17 ilustra conhecimentos básicos para se construir as bases fonológicas.



**Figura 17:** Fase Fonológica.

**Característica:** Etapas da escrita na fase fonológica.

**Fonte:** Vídeo- Nova Escola ,2017.

Ao desenvolvermos uma orientação entre consciência fonológica e alfabetização temos nos deparados que mesmo que o aluno desenvolva oralmente o fonema, necessariamente não quer dizer que na escrita conseguirá escrever ortograficamente, pois dentro do processo de desenvolvimento do conhecimento de mundo e conflitos que devem ser superados para que sejam representados, os professores devem conhecer os processos necessários para desenvolverem a escrita alfabética no ciclo de alfabetização.

Diante às mudanças existentes no sistema de ensino houve a necessidade de repensar o ciclo de alfabetização e as metodologias que norteiam as práticas de ensino. Alfabetizar tem sido um desafio aos professores que buscam desenvolver habilidades de ler, escrever e interpretar. O MEC juntamente com outras organizações propõe formação continuada aos



profissionais que atuam no ciclo de alfabetização. E devido as necessidade e dificuldades que o professor tem em alfabetizar que surgem programas que possibilitam ao profissional da educação outras experiências.

#### **1.4. PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA**

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa instituído pela Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, responde à 5 metas do Plano Nacional da Educação (PNE) compromisso assumido pelo Governo Federal, municípios e entidades, vem assegurar a plena alfabetização com objetivo de garantir que os alunos de no máximo até oito anos de idade, que se encontram ao final do 3º ano do Ensino Fundamental compreendam a Língua Portuguesa e Matemática, visando desenvolver habilidades necessárias para prosseguirem sua escolarização com autonomia nos anos seguintes. Alfabetizar os alunos que são matriculados no 1º do Ensino Fundamental significa oferecer – lhes bases sólidas no decorrer do percurso escolar dando qualidade ao processo de ensino aprendizagem.

Para se alcançar os objetivos o PNAIC estabeleceu como eixo principal a formação continuada de professores dando apoio com materiais didáticos e pedagógicos dentre outros. Para o MEC, a valorização dos profissionais da educação pautado na política nacional é um componente fundamental para integrar-se ao cotidiano escolar, respeitando as experiências adquiridas ao longo da sua trajetória. Os dados disponíveis no SisPacto, sistema informatizado de monitoramento do PNAIC mostra que em 2013 foram capacitados em linguagem, 313.599 professores que atuam na alfabetização, os curso com carga horária de 120 horas; em 2014 foram 311.916 profissionais dando ênfase a formação em matemática sendo a carga horária de 160 horas; e em 2015 a capacitação teve 302.057 professores com temáticas como Gestão Escolar, Currículo, a Criança no Ciclo de Alfabetização e interdisciplinaridade; e em 2016 o esforço foi concentrado na implementação de estratégias didática pedagógica que permitam os alunos a consolidação das competências e habilidades de Leitura, Escrita e Matemática em cada ano do Ciclo de Alfabetização.

Durante anos pesquisadores analisaram as metodologias de alfabetização adotadas pelos professores nas escolas da rede pública, propondo propostas que viabilizem melhorias na prática de ensino que amenizem a realidade dos alunos que não se alfabetizam ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, o que atualmente é bastante presente nas escolas brasileiras, pois o índice elevado de aluno que não se alfabetizam ao final do ciclo de alfabetização é preocupante, por isso, as instituições formadoras e às escolas devem analisar: os boletins da

ANA; Provinha Brasil; outras avaliações feitas pelas próprias escolas; e as tabelas que mostram os direitos de aprendizagem, após essas análises deve-se definir metas a serem alcançadas para cada turma, visando planejar situações de ensino eficientes e com qualidade.

O inciso I do Art.32 da Lei 9.394/96 “determina o desenvolvimento na capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. [...]”. É primordial que essas habilidades sejam desenvolvidas no decorrer do processo de aprendizagem para que o aluno não tenha dificuldade para compreender os conteúdos em sala de aula.

A proposta instituída no PNAIC, busca garantir o direito de ser plenamente alfabetizado até final do 3º ano do ciclo de alfabetização, contribuindo na formação dos alunos e professores alfabetizadores, visando analisar os materiais pedagógicos utilizados para alfabetizar os alunos, com base nos referenciais curriculares e materiais pedagógicos disponibilizados pelo MEC. O PNAIC (2012) possui ações fundamentais que norteiam o processo educacional, citaremos alguns exemplos:

Desenvolver orientações de estudo de forma presencial para garantir a formação continuada dos professores alfabetizadores;  
Trazer materiais didáticos, literaturas, jogos e tecnologias que venham contribuir como apoio pedagógico nas escolas;  
Avaliação sistemática e Gestão, controle social e mobilização dentre outros.

Essas ações são encontradas no caderno de apresentação do PNAIC que orientam na formação continuada de professores alfabetizadores. Os cadernos utilizados como base para orientar esses profissionais que atuam como alfabetizadores. Todas as informações sobre o programa estão disponíveis no site do MEC, o intuito do é garantir apoio na formação continuada de professores, capacitando seus orientadores de estudos a repassarem a esse profissional da educação, propostas que possam ajudar no trabalho com os alunos, e assim, promover sugestão e reflexão com intuito de organizar bases para uma discussão que possibilite novos olhares a esses alunos no ciclo de alfabetização.

#### **1.4.1. DIREITOS DE APRENDIZAGEM**

Atualmente, o Brasil precisa realizar ações eficazes para mudar a qualidade do ensino em todo país, e a escola é o lugar mais amplo para se desenvolver e construir esse processo importante na formação de todo cidadão. Nenhuma estratégia é suficientemente boa para garantir o pleno desenvolvimento na educação dos alunos. O início da alfabetização

requer que o aluno saiba ler e escrever, com mediação do professor para que obtenha autonomia nas atividades desenvolvidas na escola e no convívio social.

A escola ao viabilizar as formas de trabalho que o currículo propõe, por exemplo, os exames de avaliação, formação de professores, acesso à tecnologia entre outros, para atender diretamente aos direitos dos alunos, pois, as pesquisas, os sistemas avaliativos, a legislação, etc., são ações urgentes para que não ocorra uma exclusão em massa das próximas gerações.

Art. 1º A presente Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos a serem observadas na organização curricular dos sistemas de ensino e suas unidades escolares, sendo também que no Art. 49 em que:

O Ministério da Educação, em articulação com os Estados, os Municípios e Distrito Federal, deverá encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de expectativas de aprendizagem dos conhecimentos escolares que devem ser atingidos pelos alunos em diferentes estágios do Ensino Fundamental (art. 9, inciso 3º, desta Resolução) (BRASIL, 2010, p. 37)

É considerado fundamental que o processo educativo inicie seus trabalhos especificando ações curriculares para o ciclo inicial de (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental que são denominados ciclo de alfabetização. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa assinado por 5.240 municípios e 27 estados da federação, supõe ações do governo de cursos sistemáticos de formação de professores alfabetizadores, disponibilização de materiais pedagógicos que são fornecidos pelo MEC, visando analisar os resultados que sejam eficazes durante o período de aprendizagem.

Para chegar a uma elaboração da organização do ciclo de Alfabetização, houveram vários debates para ter uma síntese e estabelecer princípios que norteassem a alfabetização no processo de aprendizagem, visando à participação dos alunos em contextos diversos no espaço social, por exemplo, a produção e compreensão dos textos orais e escritos com autonomia articulando a prática de diversos componentes curriculares presentes no ciclo de alfabetização.

Os direitos de aprendizagem são sequências lógicas que orientam o desenvolvimento das habilidades dos alunos no decorrer dos três anos do ciclo da alfabetização.

Como poderá ser observado, um determinado conhecimento ou capacidade pode ser introduzido em um ano e aprofundado em anos seguintes. A consolidação também pode ocorrer em mais de um ano escolar, dado que há

aprendizagens que exigem um tempo maior para a apropriação. (BRASIL 2012, p. 31)

Abaixo podemos observar em um pequeno fragmento dos direitos de aprendizagem no tópico de análise linguística o deve ser feito pelo professor para que a criança estar plenamente alfabetizada até os 8 anos.

<b>Análise linguística: discursividade, textualidade e normatividade</b>	<b>Ano 1</b>	<b>Ano 2</b>	<b>Ano 3</b>
Usar adequadamente a concordância e reconhecer violações de concordância nominal e verbal.		I	A/C
Conhecer e fazer uso das grafias de palavras com correspondências regulares diretas entre letras e fonemas (P, B, T, D, F, V).	I/A	A	C
Conhecer e fazer uso das grafias de palavras com correspondências regulares contextuais entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro (C/QU; G/GU; R/RR; SA/SO/SU em início de palavra; JA/JO/JU; Z inicial; O ou U/ E ou I em sílaba final; M e N nasalizando final de sílaba; NH; Ã e Ñ em final de substantivos e adjetivos).		I	A/C
Conhecer e fazer uso de palavras com correspondências irregulares, mas de uso frequente.		I	A

**I - Introduzir; A - Aprofundar; C - Consolidar.**

**Figura 18:** Direitos de aprendizagem de Língua Portuguesa.

**Fonte:** PNAIC, 2012.

Como podemos observar, certas habilidades devem ser introduzidas no 1º ano, aprofundada no 2º ano e consolidada no 3º ano. Portanto, é extremamente importante que os professores conheçam os direitos de aprendizagem para que o processo de alfabetização possa acontecer de forma satisfatória até o 3º ano do Ensino Fundamental.

#### **1.4.2. CICLO DE APRENDIZAGEM**

O Ministério da Educação (MEC), Secretária de Educação Básica (SEB), Diretoria de Currículos e Educação Integral (DICEI) e Coordenação Geral do Ensino Fundamental (COEF) tem como objetivo subsidiar os sistemas de ensino na elaboração dos currículos no que se referi aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento para o Ensino Fundamental.

Nesse contexto educacional o período de 1995 a 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) tiveram um significado importantíssimo para história da educação no Brasil. Dando a entender que o currículo deve ser dinâmico e possuir uma construção social e histórica. Devido às transformações faz-se necessário elaborar estratégias que venham nortear os currículos nacionais do Ensino Fundamental.

Com a ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos, e compreender o Ciclo de Alfabetização foi necessário um espaço de socialização, experiências e práticas curriculares para o fortalecimento de uma identidade e qualidade no processo educativo e de formação, visando respeitar as particularidades locais e regionais.

O ciclo de alfabetização nos anos iniciais corresponde aos três primeiros anos de escolarização abordando as realidades das escolas em nosso país. Há uma preocupação em garantir o direito em ser alfabetizado, sendo um dos direitos básicos o pleno desenvolvimento das habilidades na leitura e escrita, através da implantação dessa política desenvolvida por meio do SEB/MEC surgiram várias ações, nesse trecho estão alguns exemplos:

Encontro Nacional de Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos – 2004;  
 Seminário Internacional de Alfabetização e Letramento na Infância -2004;  
 Seminários Regionais para discussão das possibilidades de orientações administrativas, legais e pedagógicas e curriculares para o Ensino Fundamental de nove anos – 2004;  
 Análise das propostas pedagógicas e da organização curricular do Ensino Fundamental, elaboradas e implantadas pelos sistemas estaduais e municipais de ensino, na perspectiva de subsidiar a SEB/DICEI/COEF na definição dos objetivos e direitos de aprendizagem, até então denominados de “expectativas de aprendizagem”. Estudos disponíveis no portal do MEC – 2010;  
 Elaboração dos textos sobre as “Orientações para a Organização do Trabalho Pedagógico nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” – 2010 (MEC, 2012, p. 13-14).

O intuito dessas ações desenvolvidas pelo MEC sob a coordenação da Secretaria do Ensino Fundamental e Diretoria de Currículo e Educação Integral em parceria com a UNESCO realizaram uma pesquisa no âmbito nacional que correspondem à organização de currículos nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental; visando a consolidação do ciclo de alfabetização com a identificação dos problemas educacionais e avaliação das políticas para reduzir a evasão e repetências no Ensino Fundamental das escolas da rede pública.

No entanto, há uma preocupação sobre os resultados das avaliações, e por esses motivos a elaboração do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, busca contribuir para que os profissionais da educação tenham mais clareza sobre para que ensinar, o que ensinar, como ensinar e quando ensinar, pois, o intuito de produzir alguns documentos é para explicitar os direitos e objetivos de aprendizagem para o desenvolvimento dos alunos.

## 1.5. AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO

A avaliação durante o percurso escolar é fundamental para analisar as atividades desenvolvidas na sala de aula. Por isso, o Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é um documento que torna público as propostas para a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), tendo em vista uma visão externa universal de como está a educação brasileira ao final do ciclo de alfabetização, pois é uma avaliação direcionada para a escola urbana e rural, com alunos matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental, que prioriza o último ano do ciclo da alfabetização.

Sendo assim, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um apoio ao sistema público que vem sendo desenvolvido para subsidiar as avaliações na alfabetização. A preocupação voltada ao ciclo de alfabetização é para garantir que nesse período o aluno tenha se apropriado da leitura e escrita, consolidando saberes fundamentais para outras áreas que fazem parte dos componentes curriculares obrigatórios.

Essa avaliação possui características e objetivos que produzem indicadores para contribuir no processo de avaliação escolar. Os testes que são aplicados assumem um papel para avaliar o desempenho dos alunos, analisando as condições de aprendizagem que esses alunos estão obtendo que podem ser positivas ou negativas.

Os instrumentos utilizados são variados para alfabetização e letramento na Língua Portuguesa e para a alfabetização Matemática. No entanto os alunos que estão no final do ciclo de alfabetização nas instituições de ensino são avaliados pela ANA a cada 2 anos para:

Avaliar o nível de alfabetização dos alunos no 3º do ensino fundamental.  
Produzir indicadores sobre as condições de oferta de ensino.  
Concorrer para a melhoria da qualidade do ensino e redução das desigualdades, em consonância com as metas e políticas estabelecidas pelas diretrizes da educação nacional (ANA 2013, p. 9)

Os diagnósticos das escolas públicas não são apenas para testar os conhecimentos dos alunos em Português e Matemática na alfabetização, mas ocorre também avaliação na gestão escolar, na infraestrutura, na formação do docente e organização do trabalho pedagógico, considerados primordiais no processo de alfabetização. Não devemos deixar de citar que existe atendimento específico para alunos com necessidades especiais com estratégias e instrumentos adaptados.

Nessa perspectiva são feitos levantamentos dos dados para saber como estão sendo os desempenhos das escolas públicas, e para isso são aplicados questionários para professores e gestores que estão no ciclo de alfabetização onde os testes são elaborados para saber os níveis de alfabetização, e desempenho dos alunos na condição de Letramento.

No caso dos testes de Língua Portuguesa são compostos por 17 questões objetivas de múltipla escolha e três para produção da escrita. A produção da escrita precisa ser desenvolvida para se ter uma análise de como estão sendo desenvolvidas as habilidades no ato da escrita convencional e na produção textual, e também saber como o aluno compreende as variedades de gêneros textuais, suas estruturas, como por exemplo, noção de temporalidade, marcações de espaço e casualidades existentes nos textos, visando avaliar os alunos nos aspectos ortográficos. O resultado da avaliação é publicado pela instituição de ensino, nos municípios e unidades federativas, em seguida o índice é divulgado nacionalmente não citando o nome dos alunos.

## **1.6. PROGRAMA MAIS ALFABETIZAÇÃO**

Portaria nº 142 de 22 de fevereiro de 2018 o Programa Mais Alfabetização, foi instituído como uma estratégia do Ministério da Educação para fortalecer o ensino e aprendizagem nas escolas públicas no ciclo de alfabetização de alunos que se encontram no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. O inciso I do Art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 determina o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e cálculo; onde a família, a comunidade, a sociedade e poder público assegure a efetivação dos direitos à educação.

Os trabalhos desenvolvidos nas escolas visam evitar reprovação, o abandono, a distorções de idade/ano, priorizando o turno regular tendo como opção a presença do assistente de alfabetização ao professor alfabetizador por um período de 5h ou se necessário 10h para garantir que o programa obtenha êxito. Assegurado constitucionalmente para os professores, gestores, secretaria de educação e instituições formadoras são responsáveis pela alfabetização dos alunos por terem meios que possibilitem a construção do desenvolvimento democrático e social dos alunos.

Existe todo um trabalho para considerar que o aluno seja plenamente alfabetizado em Língua Portuguesa, pois este deve compreender como funciona o sistema alfabético onde o

aluno possua autonomia na leitura se apropriando das formas de articular a produção de textos.

O Programa Mais Alfabetização (2018) e algumas finalidades:

- I - Contribuir para que o aluno desenvolva a competência na leitura, escrita e matemática, de alunos do 1º ano e 2º ano do ensino fundamental, com acompanhamento pedagógico específico;
- II-É também uma forma de evitar que o aluno não abandone a escola, visando evitar a reprovação e distorção de idade/ano; buscando ações pedagógicas para apoiar e fortalecer o período que o aluno está no processo de alfabetização.

Algumas diretrizes do Programa mais alfabetização são:

- I - Fortalecer o processo de alfabetização no 1º ano e 2º ano do ensino fundamental;
- II - Promover o processo de alfabetização nas unidades escolares com política educacional da rede de ensino;
- III-Integrar o PPP as atividades;
- IV-Viabilizar atendimento diferenciado;
- V-Estipular metas do Programa entre o MEC e outros no que se refere a alfabetização dos alunos do 1º e 2º anos do ensino fundamental levando em consideração ao disposto na ABNCC;
- VI- Assegurar o monitoramento e a avaliação periódica da execução dos resultados do Programa;
- VII-Acompanhamento sistemático na rede de ensino e gestão, sobre a progressão do aprendizado dos alunos de 1º ano e 2º ano do ensino fundamental;
- VIII-Avaliar o impacto do Programa na aprendizagem dos alunos, com objetivo de aperfeiçoar o trabalho desenvolvido na escola.

O Programa Mais Alfabetização não deixa de ser importantíssimo para que os alunos venham ter outras oportunidades no que diz respeito à leitura, escrita e raciocínio matemático, tudo que vier somar e contribuir para melhorar é válido para mudar a realidade de não conseguirem ser alfabetizados na idade certa, que é de 8 anos de idade. No entanto, com a homologação da BNCC em 20 de dezembro de 2017, os alunos terão que estar alfabetizados aos 7 anos de idade, ao final do 2º ano do Ensino Fundamental.



## **CAPÍTULO II: METODOLOGIA**

### **2.1. MÉTODO DE ABORDAGEM**

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar as práticas desenvolvidas pelos professores com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola no município de Parintins. A referida escola está situada numa área periférica na cidade de Parintins. Portanto, para compreender as questões que norteiam a educação, utilizamos o método fenomenológico para conhecer a problemática dos alunos retidos.

A pesquisa fenomenológica, portanto, parte da compreensão de nosso viver – não de definições ou conceitos – da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos na outra interpretação, ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão (FAZENDA, 2010, p.69)

A pesquisa fenomenológica parte daquilo que os sentidos podem perceber conscientemente, visando analisar as ações que não são definidas e por isso devem ser cuidadosamente analisadas, não parte de algo pronto e acabado é preciso atenção ao que se vai investigar para compreender as relações existentes. Este enfoque enfatiza a vida cotidiana que precisa de novas interpretações sobre os fatos que caracterizam a essência do fenômeno a ser investigado.

### **2.2. TIPO DE PESQUISA**

Dando ênfase a proposta investigada foi preciso um aprofundamento para compreender as causas que levam o aluno a não ser alfabetizado ao final do ciclo de alfabetização e para isso a pesquisa qualitativa foi necessária para obter as informações. Ao se tratar de uma abordagem qualitativa Chizzott (2010, p.79) acrescenta que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o subjetivo do sujeito.

Basicamente a pesquisa é aquela que busca entender um fenômeno específico em sua profundidade, onde o pesquisador reconhece os indivíduos sociais como sujeitos na

construção de conhecimento para que possa relacionar com a prática. A interação entre o pesquisador e sujeitos da pesquisa é uma relação comprometida com as transformações sociais.

### **2.3. TÉCNICAS DA PESQUISA**

As técnicas de pesquisa utilizadas foram entrevistas, questionário semiaberto e observação não participante. Fonseca (2008, p.03) diz que as “Técnicas é um conjunto de normas usadas especificamente em cada área das ciências, podendo-se afirmar que a técnica é a instrumentação específica da coleta de dados, ou seja, a parte prática da pesquisa”. Durante a pesquisa as técnicas são necessárias para dar o norte de como proceder no decorrer da coleta de dados.

Para coleta de dados é fundamental que o pesquisador a escolha da técnica adequada a sua pesquisa para chegar a um objetivo de forma positiva.

A observação segundo Trigueira (2014, p. 32) “É muito utilizado nas ciências sociais. Evidencia particularidades acerca do comportamento de grupo”. É um método que precisa ser planejado cuidadosamente para não comprometer os resultados da pesquisa.

### **2.4. LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi feita em uma escola que fica numa região periférica no município de Parintins, com a participação de três professores do 3º ano do Ensino Fundamental, que participaram do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, devido à rotatividade de professores ou pela opção de não participar das formações do PNAIC nem todos os professores que estão atuando no 3º ano participaram do curso.

Então, fez-se necessário a pesquisa com 2 professores que fizeram o curso completo e 1 que não participou das formações, mas que se tornou sujeito dessa pesquisa porque tinha um aluno que estava repetindo o 3º ano pela 4ª vez. No decorrer da pesquisa entrevistamos os pais e 2 alunos retidos no último ano do ciclo de alfabetização os mesmos com idade de 10 e 14 anos de idade, sendo de turmas diferentes que apresentam dificuldades na aprendizagem. Para compreender o porquê desses alunos ficarem retidos há alguns anos o 3º ano do Ensino Fundamental foi necessário desenvolver um trabalho de observação nos horários de aula para diagnosticar as possíveis causas da retenção.

No início da pesquisa o intuito era a participação de quatro professores, cinco alunos e seus respectivos pais, mas devido os pais dos alunos não autorizarem a participação de seus filhos na mesma, reduziu o número de aluno para apenas dois e seus respectivos pais. Em relação aos quatro professores que começaram fazendo parte da pesquisa, apenas três devolveram o questionário.

Para a identificação dos alunos foram utilizados nomes de desenhos animados como “Scooby e Pica-pau” escolhidos pelos mesmos, para identificar os professores optamos pelas letras maiúsculas “A, B e C” que correspondem as suas respectivas turmas e os pais dos alunos por “Mãe (Scooby) e Pai (Pica-pau)” sendo que são filhos de pais separados.

## **2.5. PROCEDIMENTO DA PESQUISA**

Para compreendermos o processo de construção da pesquisa farei um breve relato. Em 2015 a 2017 a participação no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), foram anos de experiência nas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental. O contato com a escola foi algo impactante devido até aquele momento não ter vivenciado uma rotina diária com os alunos das escolas públicas, o PIBID contribuiu significativamente para compreender as realidades das escolas da rede pública. Vivenciar o cotidiano escolar nos faz refletir sobre a responsabilidade do professor no processo de ensino aprendizagem na alfabetização.

Durante a participação no PIBID, observamos os alunos que apresentavam dificuldade na aprendizagem no último ano do ciclo de alfabetização, e que se encontravam retidos mais de uma vez no respectivo ano, o que nos causou certa inquietação. No percurso, os levantamentos bibliográficos sobre o tema em questão foram necessários para nortear a pesquisa, pois os estudos e análises para entender a retenção dos alunos no último ano do ciclo de alfabetização ocorreu durante o tempo vivenciado na escola.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação e questionário semiestruturado com três professores, entrevista com dois alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e seus pais. No decorrer da pesquisa houve necessidade de reduzir o número de professores, pais e alunos. Para utilizar o material coletado na entrevista com os alunos foi necessária a autorização dos pais responsáveis.

Ao iniciarmos a conversa com os sujeitos da pesquisa os professores foram os primeiros a serem questionados sobre o trabalho desenvolvido com os alunos retidos na alfabetização. Para entender como os mesmos desenvolvem suas atividades com os alunos retidos no último ciclo de alfabetização elaboramos um questionário semiestruturado.

### **CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS**

O período de formação para atuar o magistério é muito importante na carreira dos profissionais da educação. Atualmente, para se trabalhar nos anos iniciais é necessário ter formação em nível superior, e o curso de Licenciatura em Pedagogia oferece essa formação específica para atuar na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, no entanto, também é admitida a formação em nível médio normal.

Durante algum tempo a formação no magistério foi suficiente para atuar com o professor dos anos iniciais, pois atendia as necessidades de ensino da época. Hoje, em pleno século XXI as transformações são visíveis, exigindo do profissional da educação outras práticas docentes para atender exigências pertinentes a sua profissão de educador considerando que as transformações no processo de ensino-aprendizagem ocorrem constantemente e exigem que o professor se atualize renovando novas propostas e métodos.

O professor deve buscar estratégias diversificadas para compreender a especificidade no processo de aprendizagem. A formação pedagógica do professor é a base necessária para construir no início da escolarização dos alunos possibilidades de aprendizagem que exigiram do mesmo durante seu o percurso escolar.

#### **3.1. FORMAÇÃO DOCENTE E PREFERÊNCIA PARA ATUAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A profissão de professor requer tempo e preparo, é preciso gostar do que se faz para que a prática docente possa ser motivadora, prazerosa e produtiva. Quando o professor não gosta da profissão que escolheu ou apresenta dificuldades com relação ao domínio de alguma das disciplinas que terá que ministrar para seus alunos, se sentirá desmotivado e desenvolverá atividades que irão desestimular seus alunos a querer aprender com ele. No entanto, quando o professor gosta da profissão que escolheu, ele se sente mais motivado e sempre oferecerá o seu melhor para seus alunos.

Ao valorizar esse profissional que desempenha um papel significativo na vida de inúmeras pessoas, dar credibilidade as suas experiências em sala de aula, possibilidade de escolher a turma ou nível que esse profissional sente mais segurança e motivação para trabalhar.

O profissional com formação em Pedagogia tem conhecimentos para compreender as particularidades dos alunos e intervir em suas dificuldades. Contudo, mesmo habilitado para atuar na Educação Infantil e anos iniciais, o licenciado em Pedagogia escolhe um nível mais

específico para atuar, uns escolhem a Educação Infantil, outros se dedicam exclusivamente do 1º ao 3º ano e se tornam excelente alfabetizadores e ainda outros que escolhem o 4º e 5º ano e se tornam especialistas nestes níveis. Nesse sentido, é preciso respeitar essas particularidades dos docentes, pois isso implicará diretamente no sucesso ou fracasso do processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Diante desse processo de ensino aprendizagem o campo de conhecimento pedagógico corresponde a uma série de fatores que sustentam as bases do profissional que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental onde algumas disciplinas existentes em nossa proposta curricular fazem parte da formação dos Licenciados em Pedagogia que dá subsídios para que o trabalho docente seja executado em sala de aula com êxito.

Dentre estas disciplinas temos a Psicologia da personalidade ajuda a entender o comportamento e atitudes, muitas vezes, violentas de alunos; a Psicologia do desenvolvimento nos revela as características específicas de cada etapa do desenvolvimento humano, e quando sofre algum trauma em uma dessas etapas, isso pode afetar drasticamente o cognitivo do aluno; e a Psicologia da aprendizagem ajuda a compreender o processo de construção desse aprendizado nas diferentes fases que a criança passa e ajuda o professor utilizar a estratégia mais adequada para cada fase.

As disciplinas mencionadas assim como muitas outras estudadas no período de graduação em Pedagogia nos trazem metodologias que abarcam várias ciências das grades curriculares as quais aprendemos a trabalhar de forma lúdica executada em diferente situação são bases necessárias para o desenvolvimento das atividades na sala de aula. O trabalho docente requer dedicação, preparo, determinação e competência, pois a construção na prática depende das experiências que o profissional vai desenvolvendo no decorrer da sua atuação.

Todo percurso que o professor faz para se encontrar e definir o nível em que o mesmo se sente melhor para atuar e mais produtivo é parte desse processo que vem sendo construído ao longo dos anos e precisa ser respeitado, porque isso influenciará diretamente em sua prática em sala de aula.

Deve-se entender que o profissional que se identifica e executa um ótimo trabalho no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, etapa que corresponde o ciclo de alfabetização deve ser levada em consideração o seu tempo de atuação nesse ciclo. E que docentes formados em Matemática, Geografia, Ciências Biológicas e outras áreas não devem estar ocupando o lugar de profissionais que estudam quatro anos e meio tendo todo preparo para atuar nas turmas de alfabetização.

Ao contrário do que muitos pensam, trabalhar com o ciclo de alfabetização não é algo fácil de ser executado, requer dedicação por parte do profissional, pois é preciso rever, pensar, criar e desenvolver atividades que venham estimular os alunos a aprender. Na tabela 1 abordaremos questões referentes à formação docente.

**Tabela 1:** Formação dos professores que atuam no 3º ano do Ensino Fundamental.

Professores	Graduação	Especialização
<b>A</b>	Pedagogia	Libras e Docência no Ensino Superior
<b>B</b>	Pedagogia	-----
<b>C</b>	Matemática	Docência no Ensino Superior

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

No decorrer da pesquisa foi necessário levantar questões referente à formação docente dos profissionais que estão atuando no 3º ano do Ensino Fundamental. Como pode se observar na tabela 1 temos dois licenciados em Pedagogia e um professor licenciado em Matemática. É preocupante se pensar que existem profissionais de outras áreas atuando no ciclo de alfabetização, refiro-me dessa forma porque todo o trabalho que se tem para formar docentes Licenciados em Pedagogia para mediar esse processo não está sendo levado em consideração pelos órgãos competentes.

Devemos questionar o porquê não termos somente docentes formados em Pedagogia no ciclo de alfabetização. Dialogando com os professores do 3º ano do Ensino Fundamental constatamos que mesmo todos sendo formados em Pedagogia, que estudaram as teorias e métodos de alfabetização, ainda enfrentam dificuldades para alfabetizar seus alunos e o que dizer daqueles que estudaram outras licenciaturas e vão tentar alfabetizar alunos, alguns depois de muitos anos até conseguem fazer um bom trabalho, mas a maioria infelizmente não consegue desempenhar um bom trabalho e para encobrir sua falta de conhecimento na área e sua incompetência passa a culpar o aluno ou a família pelo seu fracasso.

É preciso repensar o processo, ou critérios que são adotados para a lotação de professores que estão atuando no ciclo de alfabetização, pois mesmo tendo todo o suporte teórico se faz necessário um período de experiência para que o profissional possa se identificar como professor alfabetizador. E isso deve ser respeitado na hora da lotação dos professores alfabetizadores devido conhecerem métodos, estratégias, dinâmicas e outras formas para melhorar o ensino e aprendizagem, o trabalho desenvolvido nos anos iniciais requer afinidade, conhecimentos e habilidades para chegar a um bom resultado.

### 3.2. A PRÁTICA DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO

O professor é fundamental para o ensino e aprendizagem, é o mediador para o desenvolvimento cognitivo do aluno ao contextualizar sua prática com o que desenvolve na sala de aula. A prática docente na alfabetização apresenta muitos desafios, um deles, que é o tema deste estudo, o problema para alfabetizar alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental. O objetivo proposto é conhecer as concepções da prática do professor, fazendo recorte em várias abordagens que contribuem no processo de ensino aprendizagem. Porto (2011, p.15), diz que “a aprendizagem não se faz diretamente, mas sim pela ação, isto é, a pessoa transforma e reproduz as informações que tem acesso, em função dos recursos próprios”. A prática tem uma função integradora, estando relacionada diretamente ao desenvolvimento que possibilita as interações e adaptações da realidade ao longo da vida.

É importante salientar que o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, é uma proposta que o professor tem a possibilidade de rever suas práticas de ensino, analisando como mediar atividades direcionadas aos alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental. Para Porto (2011, p.47, grifo nosso):

[...] o trabalho mais importante a ser desenvolvido pelo professor com os alunos é o incentivo dos motivos que eles trazem. Cabe ao professor tornar o processo de aprendizagem incentivador, em si mesmo, levando os alunos a direcionar toda sua energia e sua motivação no enfrentamento dos desafios intelectuais propostos pela escola para o desempenho do trabalho de construção do conhecimento.

Na prática docente, antes de ensinar as Ciências é preciso despertar no aluno o gosto pelos estudos, o professor deve proporcionar meios para motivar seus os alunos a seguir em frente com autonomia, pois a construção do indivíduo é constante e precisa ser moldado para ter prazer em desenvolver competências e habilidades para solucionar os problemas.

**Tabela 2:** Turma de alunos que o professor (a) tem mais facilidade para trabalhar.

Professores	Das turmas de 1º ao 5º ano. Qual delas você tem mais facilidade para trabalhar? Por quê?
<b>A</b>	Gosto de trabalhar no 2º e 3º ano do ensino fundamental, mas tenho facilidade para trabalhar com outras turmas. Nossa profissão é um desafio!
<b>B</b>	Todas. Porque além de ser preparada na teoria, adquiri na prática durante a trajetória de 19 anos de profissão.
<b>C</b>	Devido minha formação tenho mais facilidade em trabalhar com a turma do 5º ano do ensino fundamental.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Ao serem questionadas, as professoras **A** e **B** falam que não tem dificuldades em trabalhar com turmas de alfabetização, relatam ainda ter habilidade em trabalhar com outras turmas que não correspondem ao ciclo de alfabetização. Em compensação sabem do desafio, pois requerendo profissional da educação uma constante pesquisa e aporte teórico para compreender a heterogeneidade dos alunos, pois não é somente ir para sala de aula repassar conteúdos, é preciso saber que método utilizar para que o aluno aprenda, por mais que existam vários materiais, se faz necessário identificar qual pode auxiliar no ensino e assim fazer com que o aluno realmente aprenda.

O professor **C** não se mostra satisfeito com as turmas de alfabetização devido à pouca experiência como alfabetizador, mesmo porque sua formação em Matemática o deixa sem conhecimentos e habilidades para alfabetizar alunos. Quando relata a facilidade de trabalhar com turmas de 5º ano do Ensino Fundamental é devido ao tempo de atuação nessas turmas.

Os professores alfabetizadores ao desenvolver atividades no Ensino Fundamental e se considerarem familiarizados com as turmas de alfabetização sabem que o tempo que atuam com essas turmas ajuda a entender o funcionamento do processo de aprendizagem, sem estresses, com muita alegria e prazer com o trabalho que realizam. Para Porto (2011, p. 47, grifo nosso) “O prazer virá não só da aprendizagem em si, mas também do sentimento de competência pessoal, da segurança de ser hábil para solucionar problemas”. A prática docente na alfabetização para quem gosta e tem afinidade com ela se torna prazerosa e motivadora, pois o professor alfabetizador adquire o sentimento de competência pessoal e se sente seguro diante dos desafios no processo de alfabetização, pois quanto mais desafios consegue superar, mais ele se torna motivado para realizar seu trabalho.

No entanto, quando o professor que está atuando no ciclo de alfabetização não tem perfil de alfabetizador, até os pequenos desafios se tornam um terror em sua vida profissional, vivem estressados e irritados com a turma que não é boa, com coordenador que não ajuda, com o gestor que o persegue e não deixa fazer o seu trabalho e por fim com a escola que não oferece estrutura necessária para que a aprendizagem possa ocorrer. Tudo o incomoda e nada presta. Mas o bom nessa comparação é que na sala ao lado está um alfabetizador que está fazendo o processo de ensino aprendizagem acontecer de forma satisfatória no ciclo de alfabetização. E o diferencial é que este tem conhecimento e gosta de alfabetizar.



### 3.3 O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA DO PROFESSOR DE 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O Programa do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa começou em Parintins no ano de 2012 e está encerrando suas formações no ano de 2018. No decorrer desses anos esse programa embasado na Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky trouxeram muitas contribuições para o processo de alfabetização dos alunos do município de Parintins. Diante disso, verificou-se a participação dos professores do 3º ano do Ensino Fundamental neste programa de formação continuada.

A tabela 3 ilustra a participação de alguns professores que atuam no último ciclo de alfabetização.

**Tabela 3:** Participação nas formações do PNAIC.

Professores	Quantas formações do PNAIC você teve oportunidade de participar?
<b>A</b>	Curso completo
<b>B</b>	Curso completo.
<b>C</b>	Nenhuma. As formações realizadas pelos coordenadores do PNAIC não apresentam nada de novidade ou sugestões que nos ajude em sala de aula. Que são só cobranças e nenhuma ajuda para desenvolvermos as atividades.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O PNAIC propõe uma série de orientações e atividades diversificadas para se trabalhar na alfabetização, daí a importância da participação dos professores que estão no ciclo de alfabetização. Os cadernos que fazem parte dessa formação são os seguintes: apresentação da formação do professor alfabetizador; Língua Portuguesa com oito unidades, noções Matemática também com oito unidades e cadernos de jogos, a questão do Letramento na perspectiva de alfabetização; Educação Inclusiva e Educação do campo. Todas as etapas correspondem ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental período considerado fundamental para desenvolver habilidades para o pleno desenvolvimento na alfabetização de alunos até os oito anos de idade. Considerar que não é necessário participar dessa formação é comprometer o ensino e limitar suas estratégias. A não participação agrava ainda mais a dificuldade de alfabetizar os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, deixando de levar em consideração a particularidade de cada aluno.

As professoras **A** e **B** possuem o curso completo do PNAIC ainda assim relatam que ao colocar em prática as atividades do programa encontram dificuldades por existir outros problemas que não correspondem somente a elas, não descartam a importância dessa formação para complementar sua atuação na sala de aula com as turmas de alfabetização. Ao

contrário do professor **C** que está a um ano atuando no 3º ano do Ensino Fundamental e não tem experiência nenhuma em alfabetizar, descarta essa formação tão importante para diversificar suas atividades, visto que sua formação em Matemática não atende as necessidades dos alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi pensado como uma possibilidade para acabar com a não alfabetização dos alunos no ciclo de alfabetização que correspondem o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, os professores que estão neste ciclo precisam estar preparados, pois a importância dessa formação pode contribuir na aprendizagem dos alunos, principalmente daqueles que ficaram retidos ao final do 3º ano e que agora estão repetindo este ano duas, três e até quatro anos consecutivos<sup>1</sup>.

Diante dessa realidade procurou-se verificar quais as estratégias que eles receberam na formação, e quais estão sendo utilizadas pelos professores no 3º ano do Ensino Fundamental para alfabetizar os alunos e reduzir o índice de retenção ao final da alfabetização.

**Tabela 4:** As estratégias do PNAIC utilizadas em sala de aula para diminuir o índice de retenção de aluno no 3º ano do ensino fundamental.

Professores	Quais estratégias utilizadas na formação do PNAIC foram levadas para sala de aula para diminuir o índice de retenção de aluno no 3º ano Ensino Fundamental?
<b>A</b>	São práticas e teorias, atividades através de jogos leituras, dramatizações, jograis, leituras coletivas e outros.
<b>B</b>	As estratégias estão sendo colocadas em prática. As atividades são desenvolvidas através de jogo, leituras para deleite, leituras coletivas etc.
<b>C</b>	Na verdade, essas estratégias sugeridas pelo PNAIC já são desenvolvidas por nós professores muito antes do programa existir. Portanto, essa sugestão não são novidades.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

As teorias e práticas que os coordenadores proporcionam nas formações do PNAIC são medidas de aproximar os professores alfabetizadores dessas questões que norteiam o ensino e aprendizagem dos alunos. A professora **A** fala dos jogos que contribuem na ludicidade de suas atividades, as leituras que são essenciais para desenvolver a oralidade e interpretação. A professora **B** diz que tudo que aprendeu nas formações do PNAIC é colocado em prática como formas e estratégias de alfabetização. O professor **C** não vê novidade na proposta do PNAIC por já desenvolver as atividades antes de saber sobre o programa.

<sup>1</sup> Um dos sujeitos dessa pesquisa está repetindo o 3º ano pela quarta vez. E pelas notas (conceitos) alcançados por ele até o 3º bimestre, provavelmente ele poderá repetir mais um ano. A não ser que ele seja aprovado sem dominar a leitura e a escrita.

Compreendemos que executar atividades requer prática e quando são colocadas em prática sabemos quais são essenciais para serem desenvolvidas em salas de alfabetização com aquele aluno que já se encontra repetindo o 3º ano do Ensino Fundamental.

Para que a proposta alcance seu objetivo os profissionais precisam levar com seriedade a implementação dessas metodologias a serem executadas em sala de aula. Não devemos descartar possibilidades de mudar a realidade de alunos que não estão sendo plenamente alfabetizados. Nas figuras 19 e 20 analisaremos sobre os materiais utilizados para alfabetização.



**Figura 19:** Jogos PNAIC Letramento.  
**Fonte:** PNAIC/SEMED – PIN, 2018.

**Figura: 20:** Jogos PNAIC Letramento.  
**Fonte:** PNAIC/SEMED – PIN, 2018.

Esses são apenas alguns dos jogos que o PNAIC traz para a formação de professores alfabetizadores, além disso, o professor alfabetizador aprender a construir sequências didáticas para serem desenvolvidas em sala de aula. Como pode-se observar tem muitas novidades para serem aprendidas e implementadas na prática docente.

No entanto, percebemos que algumas estratégias são colocadas em práticas, mas outras só ficam no discurso do professor, e não chegam ao aluno, pois mesmo quem participou do curso completo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa não está levando em consideração a formação para melhorar sua prática docente. Não devemos desconsiderar as estratégias sem ao menos colocar em execução. O professor C por considerar que as estratégias do programa não são novidades, ele não participa das formações e não as utilizam em sua prática docente. Isso implicará diretamente no desempenho de seus alunos, visto que o aluno retido que pertence a turma desse professor não mostrou avanços visíveis em sua aprendizagem. Na tabela 05 materiais utilizados pelos professores.

**Tabela 5:** Materiais utilizados para desenvolver atividades em sala de aula.

Professores	Quais materiais utilizados na formação do PNAIC foram elaborados (confeccionados) para desenvolver as atividades em sua sala de aula?
<b>A</b>	Livros e muitos jogos.
<b>B</b>	Vários jogos.
<b>C</b>	-----

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O professor **C** devido não ter participado do PNAIC não utiliza e nem confecciona materiais que desenvolvem na formação do programa deixando seus alunos sem contato com jogos e estratégias que possam facilitar o processo de alfabetização. As professoras **A** e **B** apenas dizem que utilizam os jogos sem sequer nomeá-los. O que deixa transparecer que elas pouco fizeram uso desses recursos.

Os jogos quando bem executados nas turmas de alfabetização podem ser um dos grandes aliados para mediar o processo de ensino e aprendizagem, no entanto, é preciso experimentar, pôr em prática, pois somente assim saberemos quais podem ajudar ou não a prática do professor.

A ludicidade tem sido um dos grandes aliados dos professores alfabetizadores, trabalhar com algo que os alunos possam manipular e sair da abstração ajuda numa aprendizagem significativa e sem dúvida facilita a compreensão dos alunos. Na tabela 06 relatos da metodologia utilizada pelo alfabetizador.

**Tabela 06:** Metodologia utilizada na prática do professor (a) alfabetizador (a).

Professores	Você utiliza outra metodologia além do PNAIC em sua prática como professor (a) alfabetizador (a)? Qual e Por quê?
<b>A</b>	Sim. O modo tradicional, porque através dele aprendi a lê, e os alunos que apresentam dificuldade conseguiram fazer as leituras através do A-B-C e não posso excluí-lo.
<b>B</b>	Não.
<b>C</b>	-----

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

As metodologias são bases essenciais para nortear o ensino e aprendizagem dos alunos que estão retidos na alfabetização, é através de planejamento metodológico que é possível alcançar objetivos. Não devemos ir para sala de aula sem conhecer métodos que possam contribuir nas atividades de alfabetização. Os professores **B** e **C** não utilizam outras metodologias além do PNAIC. Mas a professora **A** traz metodologias de sua época de escolarização, método tradicional, que segundo a mesma foram essenciais para alfabetizá-la.

A professora está se referindo ao ensino das sílabas, aos textos de cartilhas e outros suportes que atualmente não são recomendados pela metodologia do PNAIC. Mas segundo Soares (2003, p. 17, grifo nosso) ela precisa fazer isso.

Esse modo de ver as coisas fez com que o processo de ensinar a ler e escrever como técnica ficasse desprestigiado. As alfabetizadoras que ficam pelejando com os meninos para eles aprenderem a ler e escrever são vistas como retrógradas e ultrapassadas. Mas, na verdade, elas estão ensinando aquilo que é preciso ensinar: codificar e decodificar. As alfabetizadoras podem até estar ensinando pelos caminhos inadequados, mas isso precisa ser feito.

Com o surgimento da Psicogênese na década de 80 no Brasil, codificar e decodificar passou a ser nomes feios e tornou-se desprezado nas salas de aula.

Isso foi uma consequência errônea dessa mudança de concepção de alfabetização. Por equívocos e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou a menosprezar a especificidade da aquisição da técnica da escrita. Codificar e decodificar viraram nomes feios. Ah, mas que absurdo! Aprender a ler e escrever não é aprender a codificar e decodificar (SOARES 2003, p. 17).

Codificar e decodificar fazem parte do processo de aquisição da leitura, por isso não deve ser excluído do processo de alfabetização. É preciso religar os saberes, utilizar as ferramentas modernas associando as técnicas que alfabetizaram gerações aos conhecimentos trazidos pela Psicogênese da Língua Escrita. Uma não é melhor do que a outra, ambas se complementam e são extremamente importantes no processo de alfabetização.

A teoria e a prática não são dissociadas, ambas caminham juntas e é preciso saber relacioná-las quando estamos ministrando as aulas, principalmente quando se é professor alfabetizador. Diante disso procurou-se verificar que atividades os professores faziam com os alunos retidos (tabela 7).

**Tabela 07:** Atividades desenvolvidas com os alunos retidos na alfabetização.

Professores	Como são desenvolvidas atividades com os alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental?
<b>A</b>	Através do alfabeto móvel, sílabas, letras. É complicado, tem criança retida à dois anos, sala superlotada, não tem como fazer algo mais avançado devido as outros alunos aprenderem mais rápido que outras, a falta de, ajuda da família que deixa a desejar. Complicado!
<b>B</b>	As atividades são diversificadas de acordo com o nível de aprendizagem do aluno.
<b>C</b>	São desenvolvidas de forma teórica, prática e de forma lúdica, de maneira que busque a atenção do aluno e assim contribuindo para sua aprendizagem.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

A professora **A** diz que utiliza o alfabeto móvel e outros materiais para ajudar nas suas atividades, e que muitas vezes a quantidade de aluno dificulta atender os alunos que estão com mais dificuldades. “*A mesma argumenta que é difícil desenvolver atividades com alunos retidos por que muitos já perderam a esperança de aprender*”. A professora **B** relata que se deve conhecer a dificuldade dos alunos para assim diversificar as atividades de acordo com o seu nível de aprendizagem. O professor **C** argumenta desenvolver uma variedade de atividades para que ocorra a aprendizagem dos alunos.

Durante o período que observamos não constatamos a utilização de materiais lúdicos em sala de aula em nenhuma das turmas. Existem materiais na escola, mas permanecem na coordenação pedagógica, o que percebemos é que os alunos que são retidos são chamados para comparecer no contra turno para aula de reforço, mas na maioria das vezes esses que tem mais dificuldade não comparecem.

Outra questão é o número elevado de alunos em uma turma, aproximadamente trinta ou mais alunos são matriculados em uma turma de alfabetização. Os professores dizem que muitas vezes, é difícil desenvolver atividades com os alunos que precisam mais, porque se der atenção para aquele que tem dificuldade, os demais ficam sem o que fazer e vira uma bagunça. Segundo eles os alunos são indisciplinados e não obedecem às regras.

### 3.4. A DIFICULDADE PARA ALFABETIZAR

Quando o professor se depara com a dificuldade de aprendizagem isso se tornar algo desafiador, principalmente, se os alunos veem sendo retido há anos. Compreender o processo de aprendizagem não é uma tarefa fácil, muitas vezes o professor se vê incapaz de ajudar esse aluno, não sabe mais o que fazer, que método utilizar. O quando o mesmo se fecha para o professor, aumenta a dificuldade para conseguir alfabetizá-lo, e isso se torna uma barreira. Na tabela 08 os professores pontuam alguma dessas dificuldades para alfabetizar.

**Tabela 08:** Dificuldades enfrentadas pelo professor (a) na alfabetização com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental.

Professores	Quais são as dificuldades enfrentadas pelo professor (a) na alfabetização com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental? Justifique.
<b>A</b>	Falta de apoio pedagógico da escola, ajuda da família e falta de interesse do próprio aluno.
<b>B</b>	As dificuldades de leitura e escrita. Ressaltando que nessa turma existe apenas uma aluna retida e que apresenta essas dificuldades.
<b>C</b>	Primeiro número de alunos; segundo a falta de formação que realmente ajude em sala de aula; terceiro a participação dos pais.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O professor alfabetizador se depara muitas vezes sozinho em sua caminhada, não encontra apoio quando mais precisa, passa a lutar de forma solitária sem enxergar o horizonte. A professora **A** ao ser questionada sobre a dificuldade que enfrenta em sua sala de aula expõe vários pontos, o que durante a pesquisa foi observado que muitas vezes a coordenação pedagógica por está sobrecarregada não consegue dá a devida atenção para esse profissional. Sabe-se que a família é fundamental na aprendizagem desses alunos, mas que muitas vezes não consegue desenvolver um trabalho que é da escola. O aluno, muitas vezes, se encontra desmotivado porque já vem acumulando inúmeros fracassos, não tem esperança e se julga incapaz de aprender na escola. Seu aspecto psicológico depois de várias retenções encontra-se destruído.

A professora **B** aponta dificuldade em duas habilidades sendo na leitura e escrita e que durante os dois primeiros anos não foram desenvolvidos no aluno. Surgiu o questionamento, porquê esse aluno não desenvolveu essas habilidades? Dizem que esse aluno é preguiçoso, inúmeras vezes ouvimos se referirem a eles dessa forma. Vamos pensar que estamos lhe dando com alunos, seres humanos que estão em pleno desenvolvimento e na fase de brincar, pular, correr, extravasar, deve ser difícil para eles ficarem parados como robôs.

O professor **C** deixa bem claro que a quantidade elevada de alunos dificulta o trabalho do professor do alfabetizador e não considera que a formação continuada que é destinada a esse público seja relevante e contribua para o professor desenvolver um bom trabalho em sala de aula. E mais uma vez a cobrança em cima dos pais que muitas vezes não sabem nem qual metodologia utilizarem com esses alunos que já vem de uma trajetória de fracasso e assim como os alunos também estão desestimulados, tristes, porque confiaram a escola a responsabilidade de ensinar seus filhos a ler e escrever e nem isso a escola foi capaz de lhe dá, pois se os pais soubessem fazer isso que lhes é cobrado, não colocariam na escola.

Nesse momento ninguém assume as suas devidas responsabilidades, professores que se dizem alfabetizadores e desistem de seus alunos por conta de já ter chegado sem as habilidades desenvolvidas. Há um desencontro de família e escola, a quantidade de alunos pode sim ser algo difícil de trabalhar, mas não tira a responsabilidade do professor para alfabetizar esses alunos que muitas vezes são esquecidos. É muito fácil encontrar culpados, mais durante esse período que estive na escola não encontrei alguém disposto a ajudar esses alunos “preguiçosos”, o fato é que muito se culpa e pouco se faz realmente para quem está com dificuldades. Na tabela 09 discutiremos a causa da retenção desses alunos.

**Tabela 09:** A principal causa para a retenção de alunos de 3º ano do Ensino Fundamental.

Professores	Quais são principais causas para a retenção de alunos de 3º ano do Ensino Fundamental? (por que o aluno não consegue se alfabetizar até o 3º ano do Ensino Fundamental?)
<b>A</b>	Falta de interesse da família, da própria criança, é uma criança desinteressada e etc.
<b>B</b>	As causas são muitas que levam uma criança a não se alfabetizar até o 3º ano do ensino fundamental, uma delas é a superlotação de alunos em uma sala de aula, a falta de ajuda da família etc.
<b>C</b>	Pelo pouco tempo que estou no 3º ano do ensino fundamental, percebi que muitos alunos têm a família desestruturada. E sabemos que a família é um dos pilares na educação de um aluno.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Todos os professores mencionam a questão da família, culpam a mesma que não ajuda em casa e esquece que aqueles alunos também passam 4 horas na escola com esse professor que se formou e que conhece ou pelo menos deveria conhecer os métodos para alfabetizar esse aluno. Sabe-se que muitas famílias brasileiras se encontram desestruturadas e que isso afeta diretamente os alunos no seu processo cognitivo, mas também o professor deve refletir no que está fazendo para que esse aluno aprenda, para que sinta vontade de estudar, muitas vezes esse aluno vai para escola por que se vê obrigado, por causa da merenda ou para brincar.

Porque ser tão duro com esses alunos que estão pedindo socorro, ele está retido a um, dois, três ou quatro anos e apenas sabem dizer que ele é preguiçoso ou culpa da família. Ninguém olha para eles e veem que todos os dias estão dizendo, caro professor todos os dias estou na sala de aula e preciso da sua ajuda.

O que devemos fazer compreender o que está acontecendo com esse aluno e ajudá-lo. Pois todos sabem que a família é um dos pilares na educação de um aluno, mas nunca será a responsável pela alfabetização do aluno. Alfabetizar é responsabilidade da escola e não dos pais. Diante dos fracassos que os alunos retidos enfrentam procurou-se verificar a percepção do professor diante do fracasso do aluno (tabela 10).

**Tabela 10:** A concepção dos professores diante do fracasso escolar dos alunos retido no último ano do ciclo de alfabetização.

Professores	Em sua opinião, como se sente um aluno (a) que fracassa no processo de alfabetização e fica retido ao final do 3º ano do Ensino Fundamental?
<b>A</b>	Suponho que não estão nem aí para vida, vejo solto na rua, os pais possuem muitos filhos e deixam os alunos só por conta da escola e faltam demais.
<b>B</b>	Acredito que o aluno se sente desestimulado e passa a ter uma visão de que não é capaz de aprender, nesses casos muitas vezes a criança não quer mais estudar.
<b>C</b>	Essa pergunta não tem como responder por que é meu primeiro ano, tenho apenas nove meses atuando no 3º ano do Ensino Fundamental.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.



Durante toda a trajetória escolar de um aluno o professor tem visto que aluno bom é aquele que tem pai e mãe junto, que não brinca na rua, casal que tem um ou dois filhos e que sempre tem os pais em qualquer evento que a escola desenvolve. A professora **A** expressa em suas palavras o tipo aluno que gosta de trabalhar. O aluno é visto como um objeto, sem sentimentos, sem suas particularidades, sem suas vontades, esquece que esses alunos já vêm de longos anos desacreditados em si mesmos e sem vontade nenhuma de estudar.

Devemos refletir sobre o contexto que cada aluno está inserido, que nossos alunos não são perfeitos e nem deveriam, porque assim seria algo pacato e sem desafios, claro que não desejamos a nenhum aluno que sua vida seja um mar de confusão.

O que queremos ressaltar é que esses alunos vivem numa diversidade de coisas quando estão fora da escola e que não devemos julgá-los erroneamente pelo simples fato de terem a vida sem limites. E lembrar que o papel da escola é fazer com que esses alunos e esses pais consigam perceber que a forma que estão lhe dando com as coisas não contribuirá e nem agregará no desenvolvimento dos seus filhos.

Alguns alunos já vêm sendo retidos ano após ano e o que conseguem vê é o desinteresse do aluno e dos pais no que diz respeito à escola o que tem feito para mudar a realidade desse aluno na sua aprendizagem? Só sabem dizer que não são pagos para ser babá, que já fizeram visitas, que os pais são irresponsáveis. E a contribuição da escola? Terem somente aula de reforço não resolve a situação desses alunos? E o estímulo dos mesmos? E o acompanhamento que a escola deve fazer? E o incentivo e apoio aos professores? Realmente encontrar culpados é fácil, difícil deve ser olhar para esses alunos que estão sem perspectiva nenhuma de querer aprender. Precisamos sair da zona de conforto e realmente lutarmos por nossos alunos. Eles estão durante 4h sobre nossa responsabilidade de propor caminhos que irão alicerçar sua vida. Eles não precisam de dedos apontados para si, eles precisam de ajuda.

A professora **B** consegue perceber que esses alunos se importam quando são reprovados e que podem até não saber as consequências dessa retenção, mas que ficam com uma profunda tristeza no olhar, se sentem incapaz de aprender, e por mais que em algum momento tenham desenvolvido as habilidades em leitura e Matemática nunca é o suficiente, pois estão sempre cobrando mais e mais desses alunos. Não importa sua dificuldade e nem quantos anos está no 3º ano do Ensino Fundamental, o que precisam são de resultados, e com isso esses alunos são retidos inúmeras vezes são descartados pela escola e o que resta é um sentimento de que estudar não vale a pena, pois o que mais sabem é cobrar e não ajudar.

A rotatividade de professores no ciclo de alfabetização é algo grave por ser um dos fatores que pode comprometer o aprendizado daquele aluno que já traz um histórico de

fracasso. O professor C está com um aluno que há 4 anos foi retido no 3º ano do Ensino Fundamental e que ainda não desenvolveu habilidades de leitura, escrita e Matemática, por mais que o professor diga que o aluno será aprovado para o 4º ano do Ensino Fundamental, esse aluno passa com uma série de dificuldade na aprendizagem. Infelizmente a realidade de nossos alunos em algumas escolas públicas de nosso município precisam de olhares voltados para a alfabetização, não devemos pensar que um número reduzido de alunos retidos duas ou mais vezes é normal, não devem priorizar quantidade e esquecer da qualidade. O trabalho com os mesmos deve ser feito periodicamente para saber se as atividades desenvolvidas com os alunos estão dando resultados.

Para compreender o contexto em que o aluno está inserido, buscamos dialogar com seus pais sobre alguns fatores que podem estar contribuindo para a não aprendizagem de seus filhos na escola.

### **3.5. A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

A família tem sido vista como a principal motivação para o sucesso de seus filhos durante a escolarização. Há uma discussão em relação a essa questão e como tem sido fundamental a participação no processo de aprendizagem no ciclo de alfabetização. A escola tem cobrado ações firmes em relação à educação dos filhos, uma delas é a participação ativa da família na vida escolar. Partindo do pressuposto de que o compromisso é de todos, há uma necessidade de compreender as especificidades. Ceccon (1982, p.11) diz que:

Todo mundo vive se queixando, vive se queixando da escola. Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como deveria e que as coisas não podem continuar desse jeito. Mas cada um pensa que o culpado desse mau funcionamento são sempre os outros. Daí que a discussão sobre a escola parece mais um coro em que cada um acusa o outro, cada um tem uma parte de razão mais ninguém consegue se entender nem chegar à raiz do problema.

Atualmente, tem sido difícil a relação escola e família, devido os resultados insatisfatórios na alfabetização e demais etapas da escolarização. Há uma preocupação em torno da disponibilidade camuflada que a escola tem quando se depara com um aluno que apresenta dificuldade no aprendizado, e o despreparo da família em compreender tal problema.

Os conflitos entre escola e família vêm dificultando uma possível solução que tem sido durante anos o mal das escolas da rede pública em todo país. Assim para que compreendamos como a família e escola têm estado insatisfeitas com o trabalho e responsabilidade que cabe a cada um, consideramos necessário conhecer um pouco de suas histórias e como fazem para participar da vida escolar dos filhos.

Na tabela 11 buscamos saber a formação dos pais e sua contribuição no processo de alfabetização dos filhos.

**Tabela 11:** Formação escolar dos responsáveis dos alunos.

<b>Pais</b>	Qual a sua formação?
<b>Pai</b>	2º ano do ensino médio.
<b>Mãe</b>	7º ano do ensino fundamental.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Os pais ao serem questionados sobre sua escolaridade disseram que não conseguiram concluir os estudos pelo fato de serem os progenitores da família, o que vem sendo a realidade de muitos brasileiros. O fato dos pais terem um grau de escolarização, não exime a escola de buscar métodos para mediar o ensino, pois se não está ocorrendo aprendizado não se deve culpar exclusivamente a família por algo que não é somente sua responsabilidade.

A questão de jovens estarem formando família antes de terem uma estrutura financeira e psicológica reflete drasticamente na formação de outro indivíduo. Devemos levar em consideração o contexto social e as oportunidades que muitas vezes não são iguais. Ceccon (1982, p. 20) aborda que a escola existe para todos:

A grande esperança de todos os que lutaram pela obrigatoriedade e gratuita é que com um ponto de partida igual para todos e com um mesmo percurso a ser percorrido por todos – esses 8 anos do ensino básico – ricos e pobres, gente da cidade e do campo, meninos e meninas teriam agora oportunidades iguais de sucesso. O sucesso nos estudos passaria a depender, exclusivamente, da inteligência, esforço e perseverança de cada um. Em outras palavras, o degrau a que cada aluno chegaria na escada da escola não dependeria de privilégios ou de dinheiro de sua família mais sim de seus próprios talentos e méritos.

As pessoas têm e colocam sua esperança na escola, muitas vezes, fica sobrecarregada e não consegue atender a todos. O ponto de partida para o sucesso depende da dedicação, do tempo e preparo para estudar, ao dedicar oito anos de sua vida, ricos e pobres tem dividido o mesmo espaço. Mesmo que a escola diga que o sucesso depende do esforço e perseverança de cada um, sabemos que o ensino tem sido diversificado e excluído muita gente.

Brandão (1994) diz que há outras formas de educação, uma relação com o nosso modo de vida. E essa educação envolve quem aprende e quem aprende para ensinar, precisamos saber que mesmo os pais que possuem alguma escolarização sentem dificuldade em acompanhar os conteúdos que a escola desenvolve com seus filhos. Na tabela 12 falaremos sobre as atividades que os professores elaboram para os alunos responderem em casa.

**Tabela 12:** Exercícios escolares feitos em casa.

Pais	Você acompanha as tarefas que seu filho trás para casa? Como?
Pai	A irmã, eu às vezes, olho caderno dele e vejo que tem tarefa e digo vamos fazer. Muitas vezes me ocupo muito aqui em casa e não tem como da atenção, é somente eu e eles.
Mãe	Ajudo! Digo, Scooby vem cá vamos ler. Ano passado a letra dele era tão ruim, que não conseguia compreender o que ele escrevia e não tinha como ajudar ele. Sinceramente! Por exemplo, o exercício de matemática, ele não colocava as letras certas, tínhamos que tentar adivinhar o que ele tinha escrito e ficava muito difícil. Dizemos para ele escreva o nome do número, forma a conta, pegar a tabuada. O Scooby pega livro e faz uma cópia. Eu pergunto: O que você escreveu? Ele diz: não sei mamãe. Ele é esforçado. O caderno dele está todo com tarefas. A Coordenadora pedagógica até me chamou atenção. Mas acho incrível que os irmãos dele aprenderam a ler, e sinceramente fico muito triste porque as pessoas dizem que a culpa é minha, que eu não ensino o Scooby a ler, mais eu ensino.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O sofrimento da família ao se deparar com a dificuldade que seus filhos enfrentam na escola é nítida, há uma preocupação com a aprendizagem dos filhos, mas o sustento da família limita, muitas vezes, esses pais a não darem atenção nas atividades escolares dos filhos. O pai quando não consegue acompanhar as atividades escolares recorre à filha mais velha para ajudar nas tarefas do irmão. A mãe sempre se mostra disposta em ajudar seu filho, mas não consegue entender o porquê que não aprende. Os pais sabendo ler e escrever, não sabem identificar de forma pedagógica os conflitos que seus filhos têm no processo de aprendizagem, a escola deve ter cuidado ao cobrar a participação dos pais nas atividades escolares desses alunos, porque mesmo o pai tendo o Ensino Médio e a mãe o Ensino Fundamental não conseguem ajudar seus filhos quando apresentam dificuldades na aprendizagem. Ceccon (1982, p. 13, grifo nosso) diz que:

Os pais também se sentem, eles próprios, meio culpados porque não são capazes de ajudar os filhos como gostariam nos deveres de casa e na preparação dos exames. Eles chegam exaustos do trabalho, ainda têm que se ocupar dos filhos menores e, muitas vezes, não dominam os conhecimentos e as matérias que a escola exige.

A cobrança vem de todos os lados, sem dúvida a família tem uma contribuição enorme na aprendizagem do filho, mas se deve pensar nas responsabilidades que a escola vem colocando diante dos pais que apenas concluíram parte da sua escolarização. Repensar e levar em consideração a função de pais ou mães como únicos provedores do sustento da família é importante para que o aluno não seja o maior prejudicado no seu processo de aprendizagem.

Nas leis o direito a educação é igual a todos, mas na realidade o desafio tem sido grande em relação à educação de qualidade, basicamente a maioria que estuda na escola da rede pública tem sofrido duramente com a falta de oportunidade para se chegar ao sucesso. A cada dia se perde a esperança de acreditar que se é capaz de alcançar o objetivo desejado.

O relato da mãe revela o esforço que seu filho tem para aprender a ler e a frustração quando não consegue. A mãe não compreende como Scooby traz atividade toda respondida e não consegue fazer a atividade, faz comparação com os irmãos que já sabem ler e escrever. É difícil para família saber lidar com a situação da dificuldade de aprendizagem, nesse processo, o maior prejudicado é o aluno que não consegue entender tudo que está acontecendo. Ceccon (1982, p. 17, grifo nosso) diz que “Pouco a pouco, eles vão perdendo a motivação a continuar se esforçando, vão se sentindo incapazes de aprender e vão se resignando a um fracasso que vai marcar o resto de sua vida. ” O percalço existente faz muitos desistirem por não encontrarem saída para suas dificuldades, a escola tem sido um fardo na vida de pais e alunos. Na tabela 13 retrataremos sobre o método utilizado pelos pais para tentar alfabetizar seus filhos.

**Tabela 13:** A concepção dos métodos de alfabetização dos pais.

<b>Pais</b>	Conhece algum método de alfabetização? Sim ( ) Não ( ) Parcial ( )
<b>Pai</b>	Não. Eu tenho um método diferente, para ensinar tenho que ter muita atenção dele, e tirar a cabeça dele de tudo que está ao redor para poder ele aprender, por que com certeza ele está na escola, mas a cabeça dele está em outro lugar. Ele em casa comigo digo vamos filho aprender essa tarefa aqui, que depois te dou alguma coisa legal. Ai, ele vai e bota pra cima mesmo, às vezes digo pra ele ou tu aprende ou vai pra porrada, ai ele aprende.
<b>Mãe</b>	Não. Por exemplo, para ele identificar o que está escrito é através da figura, muitas vezes tenta adivinhar. Tem uma lua. Digo: - ler aqui para mim. Ele diz: L – u = Lua, ele ler e passa algumas horas, lemos outras palavras e volto a perguntar a mesma palavra, e ele não sabe mais o que está escrito, ele fica tentando lembrar e quando olha no desenho identifica que é lua.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Para alfabetizar é preciso ter conhecimento, requer estratégias, criatividade e muita paciência. O trabalho que é desenvolvido nas salas de aula não é o mesmo que os pais farão com seus filhos, mesmo porque os mesmos não possuem um preparo e formação para lidar

com a dificuldade de aprendizagem. Percebemos que o pai até tenta encontrar uma forma para ensinar seu filho, mas às vezes, parte para o extremo por considerar que muitas vezes não aprende porque não quer. Ceccon (1982, p.12) relata que “Para a maioria dos pais e mães, os responsáveis pelos maus resultados obtidos por seus filhos são os próprios alunos ou então os professores. Eles acham que os alunos não tiram boas notas porque são preguiçosas, pouco estudiosas e distraídos. ” Nem sempre querer é poder, pois toda criança com dificuldades de aprendizagem gostaria de lê, de se dá bem na escola, mas isso vai além do querer do aluno. Eles tentaram por muito tempo sem conseguir, depois veio à frustração e deixaram de tentar. Mas a vontade de um dia aprender a ler continua. A mãe percebe o interesse do filho, mas às vezes, o culpa pelo fato de não alcançar o objetivo. Tentar ajudar o filho e não conseguir causa uma frustração em ambos por desconhecerem a causa que leva a não aprender. Além da frustração muitos pais partem para as ameaças e agressões como relatou a mãe “às vezes digo para ele ou tu aprende ou vai pra porrada”. E quando isso acontece o problema se agrava ainda mais. Apresentamos as dificuldades do aluno na escola (Tabela 14).

**Tabela 14:** No olhar dos pais: dificuldade de aprendizagem dos filhos na escola.

<b>Pais</b>	Sabe da dificuldade de aprendizagem que seu filho enfrenta na escola?
<b>Pai</b>	Não. Porque quem ia à escola era a mãe dele e <i>se a senhora não tivesse vindo me falar eu não saberia.</i>
<b>Mãe</b>	<i>Não, soube disso agora.</i> Ele foi para creche, normal. Estudou no Beatriz até o primeiro ano, ele era bem na escola como todos os outros irmãos, aí quando foi no 3º ano não consegui mais, não tinha percebido por que ele escreve e copia normal. A gente ajuda a noite, dividimos as tarefas e o Scooby colocamos para ler, as vezes tem preguiça por que não quer ler e começa a dizer que não tem lápis. O engraçado é que ele não sabe ler e escrever mais é o que mais gasta caderno.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O processo de escolarização requer tanto dos pais como da escola uma atenção voltada ao aprendizado, o comprometimento parte dos dois lados e não deve ser algo isolado, o trabalho com os alunos é um desafio para pais e professores. A falta de estrutura familiar tem ocasionado muitos problemas na vida escolar dos filhos.

Quando o pai relata que não sabia da dificuldade de aprendizagem do filho porque era apenas a mãe que participava da vida escolar do filho, mostra que seu papel era apenas de se preocupar com sustento da família, não levava em consideração a importância de contribuir com o aprendizado do filho na escola.

A mãe em nenhum momento percebeu durante o percurso escolar o grave problema de aprendizagem de seu filho, às vezes pelo fato do tempo, ou por desconhecer como funciona o processo de ensino e aprendizagem.

Tanto o pai quando afirma que “se a senhora não tivesse vindo me falar eu não saberia” quanto à mãe que fica surpresa dizendo “soube disso agora” desconheciam que seus filhos tinham dificuldades na escola. Agora imaginem só, se eles não conseguiram identificar as dificuldades, o que podemos esperar de uma possível intervenção. Os pais não estudam para serem professores e adquirem conhecimento acerca do processo de ensino-aprendizagem com estudos dos conteúdos, suas metodologias (Didáticas), as suas Psicologia e etc., apenas alguns pais conseguem identificar os fatores que causam as dificuldades no processo de alfabetização. E sem esses conhecimentos eles fazem uso da metodologia como eles aprenderam, que em geral foi pela coação e castigos. Diante disso, questionou-se aos pais como eles lidavam com o fracasso dos filhos na escola (tabela 15).

**Tabela 15:** Postura dos pais diante do fracasso escolar de seu filho.

<b>Pais</b>	Como você se sente ao saber que seu filho reprovou de ano?
<b>Pai</b>	Eu fico chateado. Falo pra ele o exemplo do Chaves, que colocam aquela orelha de burro nele é porque ele não sabe ler e escrever.
<b>Mãe</b>	Eu fico muito triste, não aceito, porque converso muito com ele e digo que ele pode. Conversamos com a psicóloga, ela disse que eu não tenho que aceitar ninguém chamar o Scooby de burro, por que se não ele vai colocar na cabeça que é burro. Falo para ele que assim como o irmão dele consegue ler ele também vai conseguir.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

No relato dos pais percebemos a decepção diante da retenção dos filhos, muitas vezes não sabem a quem pedir ajuda, como ajudar os filhos, a aflição da mãe evidencia que não é somente o aluno que sofre com essa situação, os pais também se sentem incapazes, muitas vezes, de não saber como lidar com a dificuldade de aprendizagem dos filhos e a reprovação só tem agravado a situação das famílias.

A família tem tentado de alguma forma buscar entender o que acontece com seu filho, tem se tornado difícil tanto para os pais como para os alunos. Os pais têm se preocupado com o futuro de seus filhos, ficam chateados e tristes, mas não tem conhecimento para mudar essa realidade. Na tabela 16 apresentamos o relato dos pais sobre o sentimento de tristeza quando seus filhos reprovam.

**Tabela 16:** A percepção dos pais diante da reprovação dos filhos.

<b>Pais</b>	Como seu filho se sentiu quando reprovou de ano?
<b>Pai</b>	Essas coisas de aula era somente a mãe dele que resolvia, eu nem posso lhe dizer como se sentia.
<b>Mãe</b>	Muito triste! O Scooby não questiona o porquê não passou, mais percebo que ele fica muito triste. Teve uma vez que bati nele por ter reprovado, depois pensei que não poderia fazer isso com Scooby sempre que reprovasse. Penso que deve ter sido a minha separação, por que ele era muito apegado com o pai, do Scooby era dos meus filhos que mais sentiu a

falta do pai.
---------------

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

A relação dos alunos com a família muitas vezes é algo distante, mesmo algumas vezes morando na mesma casa alguns pais não sabem como é a vida escolar dos filhos. A ruptura do vínculo da família tem se fragmentado e afetado muitos alunos. Os pais buscam uma resposta para o motivo da retenção de seus filhos porque se veem pressionados com a cobrança.

O sentimento angustiante da mãe retrata o sofrimento de pais que não entendem o processo de alfabetização e ficam na esperança que a escola poderia fazer por seus filhos. A esperança que muitas vezes os pais depositam na escola torna as pessoas dependentes desse sistema. A mãe reflete o quanto foi prejudicial o processo de separação na vida do filho. No relato da mesma fica nítido a tristeza de seu filho ao reprovar e ter de repetir novamente o 3º ano. Uma criança quando reprova se desestimula, se desinteressa e enfim se destrói. É um desperdício de vida, é uma infância destruída em pleno ciclo de alfabetização. Discutiremos sobre a disponibilidade dos pais para ajudar seus filhos (Tabela 17).

**Tabela 17:** A disponibilidade para que seu filho não fracasse novamente.

<b>Pais</b>	O que você está disposto a fazer ou faz para que seu filho não fracasse e reprove de novamente?
<b>Pai</b>	Sempre estive disposto em ajudar. Porque comigo coloco os meus filhos para aprender.
<b>Mãe</b>	Mãe de novo o Scooby não passou, a senhora é uma irresponsável a senhora não ensina esse menino, não é possível mãe. Colocam a culpa em mim, chego da escola arrasada, por que Deus sabe que eu ensino, eu choro muito. Falo pra ele que passo vergonha por que a professora diz que eu não te ensino, vamos vem ler por que não quero mais passar vergonha. Ele fica muito triste quando falo com ele desse jeito.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Os pais sempre almejam o melhor para os filhos, jamais desejam que eles sejam excluídos. Nesse processo de alfabetização é importante para os alunos que todos estejam empenhados para minimizar a dificuldade que os mesmos estão tendo em sua aprendizagem. No entanto, o processo de alfabetização precisa da colaboração de todos para se alcançar o objetivo desejado.

### 3.6. INFÂNCIAS DESTRUÍDAS DIANTE DO FRACASSO ESCOLAR

As escolas brasileiras não têm tido o suporte necessário para suprir a necessidade de nossos alunos. Segundo pesquisas feitas por especialistas sobre o fracasso escolar, publicado no



portal do G1 (2011) traz que apenas 25% dos alunos das escolas públicas sabem ler e escrever, a discussão em torno da problemática leva pais e professores a se preocuparem com a dificuldade de aprendizagem nas escolas da rede pública. A dificuldade é algo que vai além dos problemas familiares, o fracasso pode ser do próprio sistema de ensino. Os alunos que estão na faixa-etária dos quatro aos quatorze anos de idade estão numa fase propícia à aprendizagem, e demonstram uma grande capacidade para absorver as coisas que estão a sua volta, tanto na escola como fora dela, é um período de maior possibilidade de aprendizado.

Diante do fracasso, não podemos ficar culpando uns aos outros. Não devemos perder tempo procurando culpados, pois quando o professor recebe um aluno que apresenta um histórico de fracassos a primeira coisa a ser feita é um diagnóstico de que o aluno sabe e do que ainda não sabe, mas que precisa aprender para ter sucesso na escola.

Devido à inserção da criança no universo escolar, há uma pressão constante para o desenvolvimento das habilidades na leitura e escrita, pois o sistema vem cobrando resultados positivos em relação à aprendizagem, esses alunos diante do fracasso escolar têm regredido devido a constante reprovação, e não conseguem se integrar a situações desenvolvidas em sala de aula. Ao considerar que a infância é um período de desenvolvimento do ser humano e que está em processo de construção de suas ações cognitivas, deve-se respeitar suas necessidades e ritmos de aprendizagem. Segundo Ceccon (1982, p. 23):

Todo mundo espera que a escola cumpra seu papel que é o de fornecer instrução, qualificação e diploma a todos. Na verdade, a escola produz mais fracasso do que sucesso trata uns melhores do que outros e convence os que fracassam de que fracassam porque são inferiores. Ela só educa e instrui uma maioria. A grande maioria é excluída e marginalizada.

No decorrer do processo escolar a criança tem sentido o peso do fracasso, pois repetir inúmeras vezes o 3º ano do Ensino Fundamental torna-se algo angustiante, em que ir para escola é algo obrigatório e que está dentro dela é algo que aprisiona a vontade de expressar seus pensamentos, fazer as atividades em sala de aula tem sido algo enfadonho e sem sentido, como a mãe relatou que o filho dela enche cadernos e mais cadernos, mas não sabe o que está escrito neles.

### **3.7. AS DIFICULDADES PARA SER ALFABETIZADO**

Muito tem se discutido acerca das dificuldades do professor para alfabetizar seus alunos, mas nesse tópico faremos uma abordagem diferente, a partir da percepção da criança

sobre as dificuldades que interferem em seu processo de alfabetização. Pois essas barreiras precisam ser quebradas no início da escolarização do aluno, caso contrário, esse problema irá acompanhá-lo até a fase adulta, que o levará a ter uma série de limitações no decorrer do processo de aprendizagem, dificultando que o aluno obtenha autonomia intelectual.

Observamos que os alunos concluem o Ensino Fundamental sem condições de produzir um texto e fazer uma simples leitura, às vezes não compreendem as quatro operações fundamentais para utilizar no decorrer da vida. Ceccon (1982, p. 63) aborda que a escola não leva em consideração as experiências vividas pelos alunos fora da escola.

A escola não sabe ou não quer aproveitar todos os conhecimentos e experiências que as crianças [...] acumularam no seu meio ambiente e que, por vezes, são muito ricas. Para a escola, só existe e só tem valor o saber transmitido pela professora ou então que está nos livros. O que é importante para a escola é a língua bem falada e o raciocínio abstrato. É por isso que ela valoriza tanto a gramática e a matemática. Ela também se preocupa com a história, a geografia e as ciências naturais. Mas todas essas matérias são ensinadas como se não tivesse nada a ver com a vida das pessoas.

Os ensinamentos na escola parecem algo sem relação nenhuma com a vida diária, é algo muitas vezes sem sentido, sem nexos, sem explicação. Ora, devemos dar significado aos conteúdos proposto aos alunos. Tornar os mesmos participativos requer por parte do professor uma relação de convivência onde percebam que os professores podem ajudá-los no que precisam. É preciso que exista uma boa relação professor e aluno, para criar um clima harmonioso e propício à aprendizagem. Na tabela 18 pode se observar esta relação entre professor e alunos, sujeitos deste estudo.

**Tabela 18:** Relação professor e aluno.

Alunos	Você gosta de seu professor (a)?
Pica-Pau	Legal.
Scooby	Sim.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Os alunos no decorrer da entrevista estavam um pouco retraídos e apresentavam certo grau de timidez. Mas quando indagados sobre a relação do professor e aluno, Pica-pau, de uma forma risonha e acanhada diz que a professora é legal. Scooby diz de cabeça baixa que gosta sim do professor. Indagamos se lembravam dos outros professores que deram aula a eles e disseram que sim, lembraram de um professor que jogava papel quando eles não estavam sentados no lugar, mesmo parecendo brincadeira, pelo jeito como expressaram as

coisas não eram tão boas assim, deram a entender que era uma forma rústica que o professor tinha para mantê-los comportados na sala de aula.

Durante as observações percebemos em alguns momentos a dificuldade que o professor tem em entender a vida do aluno fora da escola para compreender o porquê da dificuldade no aprendizado, tenta ser amigo, propõe presentear-lo se caso fizer as atividades e aprenda a ler e escrever, é uma das estratégias para motivar esse aluno. Algumas vezes, o professor fica sem saber o que fazer para que seu aluno aprenda. O trabalho docente torna-se fadigante e solitário quando não se alcança bons resultados no período da alfabetização. A tabela 19 revela a utilização de jogos no processo de alfabetização pelo professor.

**Tabela 19:** A utilização de jogos em sala de aula pelo professor alfabetizador.

<b>Alunos</b>	O professor (a) traz jogos para sala de aula?
<b>Pica-Pau</b>	Não.
<b>Scooby</b>	Não.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Os professores mesmo entendendo o processo de alfabetização no ambiente escolar, ainda deixam de lado a ludicidade e condicionam a reprodução de conteúdo. Deste modo, passam a não dá importância em se trabalhar com jogos que estimulem o processo de aprendizagem dos alunos, comprometendo assim, não somente sua prática mais o aprendizado. Kiya apud Santos (2011, p.12):

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural [...] facilita os processos de socialização, expressão e construção do conhecimento.

Sabemos que na prática construtivista o professor é fundamental para mediar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos e para desenvolver atividades que venham dar bons resultados, pois ao propor atividades dinâmicas onde os alunos possam visualizar outras formas de criar possibilidades para aprender, passa a contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo desse aluno. Através de aulas lúdicas o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a reproduzir.

Buscar socializar as práticas de ensino é pensar em estratégias para melhorar o desenvolvimento cognitivo dos alunos para que sejam participativas no processo do ensino aprendizagem. Vygotsky ao abordar em suas pesquisas a Zona de Desenvolvimento Proximal

atribui à importância de uma estreita relação entre o jogo e aprendizagem, fazendo com que a criança seja capaz de desenvolver o exercício no plano da imaginação e da capacidade de planejar e imaginar situações diversas.

Segundo a teoria piagetiana, o período de 7 a 12 anos fase do operatório – concreto os alunos adquirem um potencial para compreender a relação abstrata com os elementos existentes, nessa fase o professor deve trabalhar com apoio do concreto. Esse trabalho desenvolvido pelo mesmo de forma lúdica é uma possibilidade para que o aluno tenha alternativa de aprendizagem.

Quando o professor propõe jogos ao aluno em idade escolar estar propondo mudanças em seu comportamento e consegue atingir uma maior concentração para desenvolver um trabalho em conjunto, são trocas de experiências que devem ser utilizadas para que as atividades não se tornem monótonas e cansativas, fazendo com que não ocorra interesse por parte do aluno. Na tabela 20 falaremos sobre as atividades feitas pelo professor.

**Tabela 20:** Atividade elaborada pelo professor.

<b>Alunos</b>	Quando professor (a) passa atividades, você gosta de fazer?
<b>Pica-Pau</b>	É chato.
<b>Scooby</b>	Não gosto.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

Durante o percurso escolar o aluno tem rejeitado fazer atividades em sala de aula por considerar algo chato, pois a cobrança intensa da leitura e escrita tem estressado constantemente. O ato de escrever o cabeçalho, copiar longos textos, fixar o lápis no papel sem muitas vezes ter desenvolvido a coordenação motora, manter-se estagnado na carteira sem fazer barulho, gritos, sussurro e ralhos, oprimem os alunos a não sentirem vontade de querer aprender. Ceccon (1982, p. 65) diz que:

Sem se sentir apoiada pela professora, a criança, aos poucos, vai-se convencendo de que é realmente incapaz de aprender. Ela se torna desinteressada e distraída ou então rebelde e agressiva. Ela sente que não adianta continuar se esforçando e que mais vale desistir de uma vez ao invés de perder mais tempo inutilmente.

Devido ao pouco investimento nas escolas da rede pública, o sentimento de desvalorização dos professores, a falta do apoio pedagógico para mediar às condições de trabalho, tem problematizando drasticamente as práticas de ensino que norteiam o sucesso

escolar. Em virtude dessas situações esse profissional tem deixado lacunas no ensino e aprendizagem de muitos alunos no processo de alfabetização.

Durante a escolarização o excesso de alunos em sala de aula tem dificultado o acesso dos professores aos alunos que apresentam maior dificuldade na aprendizagem, pois aquele que necessitam de um acompanhamento específico não tem atenção devida no ciclo de alfabetização.

Quando os professores não quebram o ciclo de inibição na aprendizagem no ambiente escolar, o processo de ensino se tornará cada vez muito difícil, pois o aluno não desenvolverá suas habilidades de leitura, cálculo e escrita e conseqüentemente fará com que ele reprove várias vezes o 3º ano do Ensino Fundamental como vem acontecendo com Scooby, que já está repetindo pela 4ª vez. E nada mudou dos anos anteriores, pois continuar sem ler e escrever como outros alunos de sua idade, e ao completar 15 anos o sistema (senso escolar) não o aceitará mais no ensino regular e terá que estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Representação do ciclo de inibição de aprendizagem (figura 21).



**Figura 21:** Descrição do ciclo de inibição da aprendizagem  
**Fonte:** Laura Monte Serrat Barbosa 2006

Portanto, o que os professores chamam de desinteresse por parte da criança com dificuldade de aprendizagem, na maioria das vezes, é uma fuga do fracasso, ela já tentou no 1º ano todinho e fracassou, foi para o 2º ano e fracassou por um ano inteiro e agora no 3º ano, o Scooby já fracassou por 4 longos anos sem ter sucesso na escola. Sua autoestima está destruída e não acredita que é capaz de aprender na escola, e só vai as aulas porque são

forçados pelos pais, pois, como a escola não tem feito nada por eles, esse é último lugar que gostaria de estar. Fatalmente esse aluno com o histórico de fracassos e com muitas dificuldades em breve abandonará a escola como forma de libertação das tristezas e decepções de uma criança que sonhou que poderia aprender a ler e escrever na escola.

Na tabela 21 discutiremos sobre as tarefas escolares dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Os mesmos bem alfabetizados, raramente, precisam da ajuda dos pais para lhe ajudarem a fazer as tarefas, contudo, quando não alfabetizados ou com dificuldades de aprendizagem, raramente, conseguirá fazer tarefas sozinhas, e sempre precisará de alguém para ajudá-la.

**Tabela 21:** Tarefas escolares.

<b>Alunos</b>	Quando você leva tarefa para fazer em casa quem ajuda tem paciência para lhe ensinar?
<b>Pica-Pau</b>	A minha irmã, e às vezes não tem paciência e me bate.
<b>Scooby</b>	Minha mãe.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O professor que atua no ciclo de alfabetização deve refletir sobre sua prática de ensino elaborando estratégias para o desenvolvimento das habilidades na leitura e escrita, sendo o capacitado para lidar com a dificuldade de aprendizagem. No entanto, esse profissional não pode ver a educação como moldes engessados e já conhecidos de aprendizagem. O ensino não deve ser mecanizado, quando não se conhece os métodos de ensino não compreendemos a dificuldade que a criança apresenta durante a alfabetização.

Ao questionar o aluno Pica-pau, observamos a frustração em levar tarefas escolares para serem feitas em casa, pois tanto a irmã como o pai não têm paciência em ajudar na atividade extraescolar, com Scooby não é diferente, sua mãe tenta ajudar, mais não conhece os métodos de alfabetização. Essa situação tem prejudicado a aprendizagem dos alunos, ambas passam pela repreensão. Ceccon (1982, p.51) relata que:

Para acabar com o fracasso em massa das crianças [...] é preciso, antes de mais nada, ver e compreender como a escola está organizada por dentro. É preciso saber o que acontece com a criança dentro da escola. É preciso conhecer os mecanismos e o modo de funcionamento dessa engrenagem que faz com que uns poucos tenham sucesso e que a grande maioria fracasse. Só assim será possível agir para mudar a escola.

É necessário que o professor tome para si o compromisso que lhe foi atribuído durante sua formação docente, propondo reorganizar o planejamento antes de entrarem na sala de aula, tendo tempo para elaborar suas atividades diagnosticando e contribuindo no aprendizado desses alunos, a responsabilidade que vem sendo atribuída aos pais não tem contribuído para a vida escolar dos alunos, estudar em casa é algo doloroso, reprimido. Às vezes os pais mais atrapalham do que ajudam, não conhecem os métodos para alfabetizar e para completar não conseguem ter paciência, desse jeito o caos se instala na hora de fazer uma simples tarefa. Retrataremos o sentimento que o aluno tem ao está retida no 3º ano do Ensino Fundamental (Tabela 22).

**Tabela 22:** O sentimento de fracasso na alfabetização.

<b>Aluno</b>	Como se sente ao saber que vai ao repetir o 3º ano?
<b>Pica-Pau</b>	Nada.
<b>Scooby</b>	Triste.

Fonte: Rocha & Batista Filho, 2018.

O sentimento de tristeza faz parte da vida de Scooby pelos fracassos, mas para o aluno Pica-pau até a tristeza já o abandonou, pois ele não acredita mais que a escola pode fazer algo por ele. Então tanto faz para ele, já se acostumou a não criar vínculos de amizade, pois ao final de cada ano verá todos seus colegas partirem para outra turma, enquanto ficam presos ao 3º ano, nada mais claro que o ditado popular que diz “aceita que dói menos, ”. Aceitar para Pica-pau é melhor estratégia para não sofrer.

A infância tem sido cada vez mais fragilizada, pois a criança tem carregado sozinha à culpa do não aprendizado, não se leva em consideração seu sentimento, suas angústias, seu modo de ver a vida, suas particularidades e seu tempo no aprendizado, o processo de alfabetização tem atribuído ao aluno um sentimento doloroso, cansativo e repetitivo. A massificação na padronização do ensino tem levado uma porcentagem de alunos ao fracasso. A escola não tem significado para o aluno, não se explica do porquê de sua existência e participação no convívio social, os mesmos não se interessam pelo que a escola vem propondo no decorrer do ano letivo, ano após ano nada se tem de diferente que desperte o interesse daquele aluno com dificuldade de aprendizagem que já ficou retido vários anos.

O aluno tem vivido sozinho o desespero do insucesso escolar, a maneira que a escola vem sendo organizada não tem sido contextualizada com a realidade do sujeito. Ao repensar

essa forma de ensino sistematizado o aluno sente dificuldade em compreender o que está sendo falado.

Ceccon (1982, p. 60) relata que a escola não tem valorizado o jeito de falar dos alunos.

De fato, logo que entra na escola, a criança tem que aprender a falar e escrever numa língua diferente daquela que sempre falou, no caso com os pais e os amigos. A língua da escola é uma língua bem falada, sem erros de pronúncia ou de concordância. [...] A criança por sua vez, tenta falar do jeito que sabe do jeito que sempre falou. Mas sua maneira de falar – expressões, frases, pronúncia – é considerada “errada” pela escola.

Devido à dificuldade de compreender o conteúdo elaborado pelo sistema de ensino os alunos têm se distanciado do ambiente escolar e tem se virado sozinho em meio às turbulências e repressão. A escola tem se preocupado em transmitir conteúdo e feito das instituições depósitos de alunos passivas desprovidas de pensamentos críticos. No entanto, o posicionamento dos professores que nega o conhecimento a algo a ser buscado matem fixa a manifestação da instrumentalização de ideologias opressoras.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as práticas desenvolvidas pelos professores com base no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: uma prática com alunos retidos no 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola no município de Parintins, possibilitando perceber os percalços que envolvem a retenção dos alunos no ciclo de alfabetização.

Para compreender essa questão que envolve a alfabetização, iniciamos falando sobre a formação do professor que vem sendo importante saber se conhece de fato sobre o processo de alfabetização, percebemos que dentro desse processo há uma rotatividade de professores, o que de certa forma pode está dificultando o processo de alfabetização dos alunos que se encontram retidos.

Esta pesquisa também revela que os professores têm preferência e afinidades por turmas (níveis), não são em todas elas (1º ao 5º ano) que se sentem à vontade para atuar, há uma identificação do profissional devido os longos anos de experiências. Apesar das formações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa para os professores alfabetizadores trazer muitas estratégias inovadoras para o processo de alfabetização, pouco se vem executando as atividades propostas pelo programa, isso nos faz refletir que os investimentos estão sendo utilizados para melhorar o ensino na alfabetização não são levados em consideração por alguns profissionais.

Alguns professores dizem que não é necessário utilizar as propostas do PNAIC, que são desnecessárias, partimos da concepção de que só o conhecimento adquirido seria suficiente para alfabetizar seus alunos, no entanto, a prática sem teoria não surte tanto efeito, se faz necessário relacioná-las. Os professores dizem utilizar materiais em sala de aula, que fazem diversas atividades com materiais concretos, mas o que percebemos na sala de aula que os alunos estão cansados e fadigados da mesmice dos professores, pouco são os materiais utilizados no ambiente escolar. Não há uma preocupação com os alunos que estão retidos no 3º ano da alfabetização, pois a dificuldade de aprendizagem é vista como desinteresse da criança pelos estudos e descaso da família.

Devemos levar em consideração que os pais não são formados para ensinar seus filhos e não conhecem os métodos de alfabetização, por isso não tem como auxiliar os filhos nas atividades escolares de forma pedagógica, às vezes os pais só percebem a dificuldade quando constantemente seus filhos são retidos inúmeras vezes em um mesmo ano escolar, há

uma cobrança constante para que a família assuma a responsabilidade de ensinar algo que desconhece, devemos levar em consideração que a dificuldade não está somente com os alunos, mas também com os seus responsáveis que não conseguem ajudá-los.

Os professores não devem esperar que pais elaborem uma intervenção na dificuldade de aprendizagem desses alunos, pois os mesmos não têm nenhuma formação pedagógica para alfabetizá-los. Os pais diante do fracasso de seus filhos se sentem desapontados e culpados, mesmo se mostrando dispostos em ajudá-los para que não continuem retidos no 3º ano do Ensino Fundamental, pouco conseguiram contribuir para mudar essa realidade que existente no processo de alfabetização.

Os alunos que são retidos têm sofrido com a dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização. A frustração e sentimento de incapacidade para aprender diante do fracasso, não é compreendido pelos professores, pouco se ouve ou se observa os comportamentos que eles estão apresentando.

Partindo dessa concepção, pensar nas estratégias que o professor deve trazer para sala de aula é fundamental para se quebrar o ciclo de inibição, que muitas vezes, é uma barreira imposta à criança que a impede de avançar, porque deixa de acreditar em sua capacidade de aprender.

As atividades precisam ser atrativas para motivar esses alunos que já vem de um histórico de fracassos. Repensar as tarefas que os alunos levam para casa é importante para o processo de alfabetização, os pais não se sentem preparados para ensinar seus filhos sem partir para métodos agressivos, e assim, como acreditar que dessa forma vão aprender, sabemos que só agravamos a dificuldade de aprendizagem desse aluno e continuamos traçando seu destino de constantes fracassos. O sentimento de fracasso torna o ser humano muitas vezes desacreditado da sua própria capacidade de sucesso, ele tem desestimulado e destruído a esperança e capacidade para aprender a ler e escrever dos alunos retidos do 3º ano do Ensino Fundamental, são infâncias que diariamente estão sendo destruídas por não se respeitar suas particularidades no processo de aprendizagem no ciclo de alfabetização.

## REFERÊNCIAS

Avaliação Nacional da Alfabetização ANA Documento Básico. Brasília, DF, 2013.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia**: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação. 2 ed. rev. ampl. Curitiba. Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BRASIL. **Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.** Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº7, de 14 de dezembro de 2010. Diário Oficial da União – seção 1. Nº 239 de 15 de Dezembro de 2010. disponível < <http://mec.gov.br>> acesso em 24 de setembro de 2018.

BRASIL. **LEI Nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

CECCON, Gláudius. **A vida na escola e a escola da vida.** Gláudius Cecon, Miguel Darcy de Oliveira, Rosiska Darcy de Oliveira. 39. Ed. Petrópolis. RJ. Editora Vozes Ltda. 1982.

CHIZZOTT, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** – 11. Ed. – São Paulo: Cortez: 2010.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos.** 3. Edição. Manaus: editora. Valer, 2008.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional.** – 12. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

KIYA, Márcia Cristina da Silveira. O uso de jogos e atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem. UEPG. Paraná. 2011.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral – ICEI. Coordenador Geral do Ensino Fundamental – COEF. Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º, 3º anos) do Ensino Fundamental. Brasília. 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho.- São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. – São Paulo: DCL,2010.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. - 6. ed. - São Paulo: Saraiva, 2012.

SOARES, Magda. **Alfaltrar-consciência fonológica: fase pré – fonológica**. - VÍDEONOVA ESCOLA. Minas Gerais: ATT, 2017.

\_\_\_\_\_. **A Reinvenção da Alfabetização**. In: Presença Pedagógica. v.9 n.52. julho/agosto 2003.

SOARES, Maria Inês Bizzotto. **Alfabetização Linguística: da prática á teoria**. Maria Luisa Aroeira, Amélia Porto. – Belo Horizonte: Dimensões, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 11. Reimpr. – Belo Horizonte: Autentica, 2006. 128p.

SOARES, Magda. **Alfaltrar – Alfabetização e Letramento**. VIDEO NOVA ESCOLA. 2017

TRIGUEIRO, Rodrigo de Menezes. **Metodologia científica**. Rodrigo de Menezes Trigueiro, Marilucia Ricieri. Gisleine Bartolomei Fregoneze, Joacy M. Botelho. – Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2014.

VASCONCELOS. Rebeca Schirmer de Souza. **Os jogos Pedagógicos como Potencializares na alfabetização de escrita entre 5 e 6 anos**. UFMG.2017.

G1.globo.com >Acesso em: 23.11.2018 Horário: 23h12min.

<https://professorjeronimo.blogspot.com/2013/08/reflexão-sobre-alfabetização-emilia.html>.

>Acesso em: 14/09/2018 Horário: 15h01min.

<https://professorramaria.com.br/blog/wp-content/uploads/2017/04>.

>Acesso em: 14/09/2018 Horário:15h.

<https://cantinhocriativodalublogspot.com/2009/08/textos-e-artigos.html>. >Acesso em:

14/09/2018 Horário: 15h30min.

<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2010/11/costrucao-leitura-escrita>.

>Acesso em: 03/08/2018 Horário: 14h01min.

<https://educacaopublica.cederj.edu.br/Revista/artigos/emilia-ferreiro-ano-teberosky-e-a-gene-se-da-lingua-escrita.2015>. >Acesso em: 15/09/2018 Horário: 00h12min.

<https://redecaminhososaber.com.br/blog/wp-content/uploads/2017..>>Acesso em:14/09/18 Horário: 15h01.

<https://d-tudoumpouquinho.blogspot.com/20113.>>Acesso em: 14/09/2018 Horário: 15h15min.

<https://danielajanssen.com.br/wp-content/2015/10>>Acesso em: 15/09/2018

Horário:23h50min.

<https://pt.slideshere.net/fabianaesteves76/slide-8-de-junho-2013.>>Acesso em: 14/09/18 Horário:00h01min.

<https://educapio.blogspot.com/2013/08/hipoteses-de-escrita.htmI.>>Acesso em: 15/09/2018 Horário: 00h15min.

<https://slideplayer.com/2013.>>Acesso em: 15/09/2018 Horário: 00h03min.

<https://alfaetrar.org.br/27/07/2017.NOVA.ESCOLA.>> Acesso em: 14/09/2018 Horário: 8h

<https://google.com/site/rifa2abranes/Mb-large.bmp&imgrefurl.20/2002.>>Acesso em: 15/09/2018 Horário: 14h04min.

<https://vivianefelbf.blogspot.com/2012/07/fases-da-escrita-silabico-alfabetico.htmI.>>Acesso em: 15/09/2018 Horário: 15h1min

[www.neusarochoa.com.br/2015/projetos/trabalhando-com-diferntes-portadores-textuais>](http://www.neusarochoa.com.br/2015/projetos/trabalhando-com-diferntes-portadores-textuais>) acesso em: 24/09/2018 Horário: 13h21min.

[www.mec.gov.br.mas-alfabetização>](http://www.mec.gov.br.mas-alfabetização>)Acesso em: 25/09/ 2018 Horário: 17h

[www.mec.ecgov.br.pacto-nacional-pela-alfabetização-na-idade-certa>](http://www.mec.ecgov.br.pacto-nacional-pela-alfabetização-na-idade-certa>) acesso em25/09/2018 Horário: 17h01min